



Índice:

Capa	1
Apresentação.....	5
Capítulo I – Minha educação.....	12
Capítulo II – Em Charterhouse.....	27
Capítulo III - Minha vida número dois – os escoteiros e as guias	48
Capítulo IV - A Grande Guerra	86
Capítulo V - Olhando para trás	89

LIÇÕES DA ESCOLA DA VIDA

por **BADEN-POWELL**

**Dedico este livro àquela a quem devo o sucesso,
em outras palavras a FELICIDADE:
MINHA MULHER**

**(Título do original inglês: LESSONS FROM THE 'VARSITY OF LIFE')
Desenhos do Autor**

Outros livros e livretos do mesmo autor, publicados em português pela Editora Escoteira da UEB – Caixa Postal 04-0079 – Brasília:

Livros: ESCOTISMO PARA RAPAZES

MANUAL DO LOBINHO

O CAMINHO PARA O SUCESSO

GUIA DO CHEFE ESCOTEIRO

Livretos da Coleção "Textos Selecionados do Fundador":

OBJETIVOS E MÉTODO DO ADESTRAMENTO DE LOBINHOS

A EDUCAÇÃO PELO AMOR SUBSTITUINDO A EDUCAÇÃO PELO TEMOR

GUIDISMO I

GUIDISMO II

1.^a edição – 1986

Tiragem: 5.000 exemplares

APRESENTAÇÃO

Essa auto-biografia do Fundador do Escotismo, constitui um de seus 34 livros, ainda pouco conhecida no Movimento Escoteiro e mesmo pelo público em geral.

Sua publicação pela Editora Escoteira, numa Edição da Fraternidade Mundial do Movimento Escoteiro, representa uma extraordinária oportunidade de se conhecer melhor as idéias daquele que criou um Movimento Juvenil ao qual já pertenceram mais de 250.000.000 de crianças e jovens em todo o mundo.

Compreender a vida desse excepcional educador, ajuda a todos aqueles que querem melhor entender o Movimento Escoteiro, como aos que desejam aplicar melhor o Escotismo, de acordo com a proposta de Baden-Powell. Desde já, posso assegurar que melhor do que a primeira leitura, será a segunda.

Devo também esclarecer que para reduzir o preço final desse livro, parcela do livro original não foi publicado, enfatizando-se em especial aqueles capítulos que se referem à implantação e difusão do Movimento Escoteiro.

Aproveitem a leitura, pois cada parágrafo se constitui numa excelente lição de como se encarar a vida com alegria e sem demasiada seriedade. A personalidade vibrante e irreverente de Baden-Powell torna-se límpida diante de nossos olhos, com a descrição daquele que além dos 80 anos de idade, soube manter um coração de menino, aberto aos jovens de todos os continentes.

Rubem Süffert

MINHAS EXCUSAS

JUSTIFICATIVA

“Que boa é a vida do homem – o simples viver”

ROBERT BROWNING

“Este mundo em que vivemos

Superar não há quem possa

Claro, na rosa há espinhos

Mas que doçura na rosa!”

FRANK L. STANTON

“Ninguém pode passar pela vida, assim como não percorre um campo, sem deixar vestígios, e esses vestígios podem, muitas vezes ser úteis àqueles que virão depois, ajudando-os a encontrar o caminho.”

**“Lembro-me sempre das últimas palavras do meu “velho”:
“Meu filho, nunca. . .” Não vou escrevê-las aqui. Pateta, não liguei para elas e tive de aguentar as conseqüências pela vida afora; se tivesse um filho haveria de transmiti-las a ele com a maior insistência! Que idiotas somos quando jovens. Pensamos tudo saber e esquecemos que os velhos já se formaram na escola da vida, a maior escola de todas, através deles que, dia a dia deveríamos aprender.”**

JANES, na “Fishing Gazette”

Não queria escrever esta história sobre a minha pessoa; qualquer autobiografia está fadada a ser uma repetição egoísta da palavra “eu”; porém muita gente me pediu para contar minhas aventuras, achando que seriam úteis aos jovens, auxiliando-os a dar um sentido a suas vidas.

Portanto é principalmente para eles — e incluo moças bem como rapazes no termo “jovens” — que escrevo, não podendo haver dúvida de que passei pela escola da vida mencionada acima.

Não me proponho fazer uma biografia formal, começando com a primeira infância e passando progressivamente por todos os anos de minha vida. Será antes como uma salada russa ou como um pudim de pão, embora receio que as ameixas sejam escassas e que vocês tenham que descobri-las e retirá-las sozinhos da massa.

COMO ENRIQUECER

Reparem bem que minha estada nesta terra tem sido das melhores, de forma que posso falar de cátedra.

Um redator do “Manchester Guardian” que aliás não conheço, descreveu-me recentemente como “o homem mais rico do mundo”.

Parece exagero, mas pensando bem, acredito não ter ele errado muito.

Um homem rico não é, necessariamente aquele que possui uma arca cheia de dinheiro, mas aquele que é realmente feliz. E isso eu sou.

Conheci muitos milionários que não eram homens felizes; não tinham tudo o que queriam e portanto haviam fracassado na vida. Um provérbio singalês* diz: “Aquele que é feliz é rico, mas isso não significa que aquele que for rico seja feliz”.

O verdadeiro rico é aquele que menos necessidades tem.

Praticamente qualquer biografia encerra sugestões úteis para se alcançar êxito na vida, mas nenhuma de maneira melhor ou mais infalível que a biografia de Cristo.

Se leram “O Caminho para o Sucesso” já perceberam que a idéia que faço de sucesso é Felicidade. Felicidade, como diz Sir Henry Newbolt, consegue-se “espalhando felicidade”.

Uma coisa de que muitos jovens não se apercebem de início, é que sucesso é algo que depende de nós mesmos e não da sorte favorável, ou do apoio de amigos poderosos.

Tenho explicado repetidas vezes que a finalidade do Movimento Escoteiro é desenvolver homens e mulheres, cidadãos que possam ser descritos como: saudáveis, úteis ao próximo e felizes. O homem ou a mulher que tiver conseguido desenvolver em si essas três caracterís-

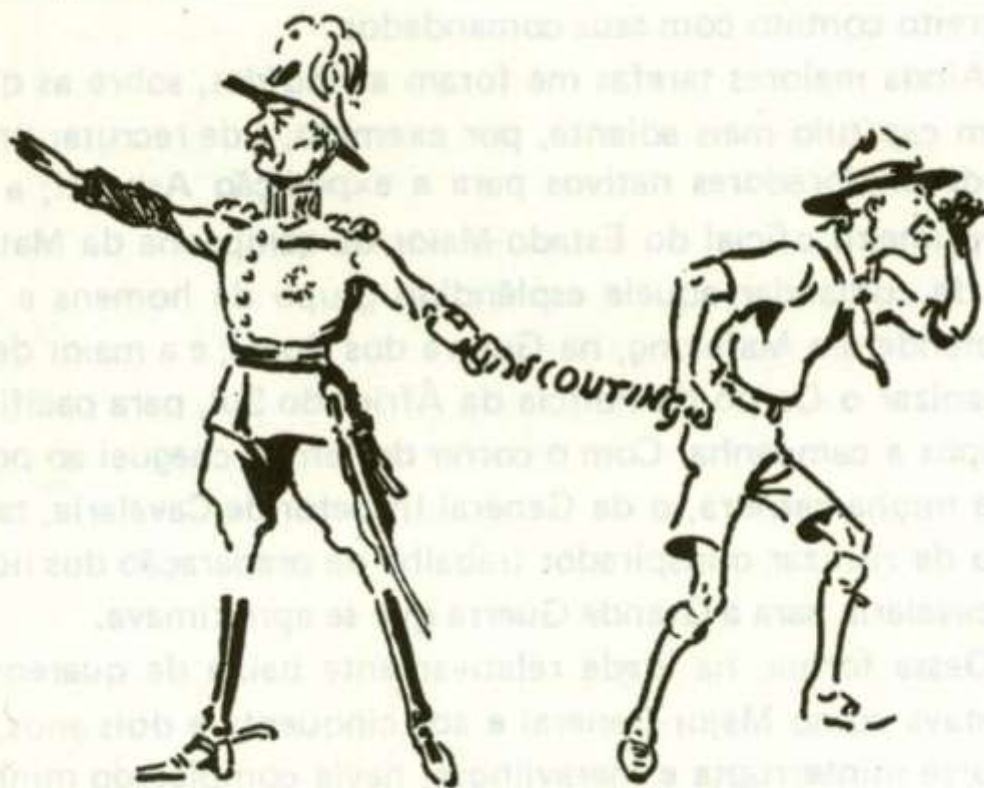
* Membro de uma casta de guerreiros do nordeste da Índia (N.T.)

licas já assegurou para si os principais acessos ao êxito na vida.

Perguntaram-me outro dia se eu podia definir em poucas palavras, digamos cinqüenta, minha opinião sobre a melhor coisa da vida. Respondi que responderia apenas em três: **UM CASAMENTO FELIZ**, querendo dizer com isso que aquele que tiver a afeição duradoura de uma boa esposa virtuosa, conseguiu o que há de melhor.

Por casamento feliz não quero dizer uma divertida lua-de-mel de algumas semanas ou meses, seguida de tolerância mútua, mas uma lua-de-mel que dure sempre. **Experto crede!**

O sucesso completo exige ainda outra coisa: serviço à comunidade. Sem isso, a mera satisfação de ambições egoísticas não leva à felicidade completa.



Minha vida n.º 1 e minha vida n.º 2, unidas pelo Escotismo

MINHA DUPLA VIDA

Outra justificativa para me aventurar a escrever é que sou um caso quase único: vivi dupla vida.

Não quero dizer exatamente o que estão pensando!

Vida número um — Não, o que quero dizer é que comecei a vida, depois de acabar a escola, como um jovem oficial do exército, e

graças a uma sorte extraordinária, unida a singular entusiasmo pelo meu trabalho, fui rapidamente promovido, galgando todos os postos.

Era uma vida de romance a minha, com estada paga pelo governo em países os mais estranhos. Servi sucessivamente na Índia, Afeganistão, África Ocidental e Egito.

Haviam as campanhas, o esporte, a camaradagem; haviam as fadigas, as doenças e as despedidas, sombras que melhor permitiam apreciar a luz do sol.

Tarefas grandes e pequenas foram-me atribuídas; como Ajudante de Ordens, Comandante de Esquadrão e finalmente como Coronel Comandante de meu Regimento, onde experimentei o que julgo ser a mais divertida das responsabilidades que possa ter um homem, em estreito contato com seus comandados.

Ainda maiores tarefas me foram atribuídas, sobre as quais falarei num capítulo mais adiante, por exemplo, a de recrutar um contingente de exploradores nativos para a expedição Ashanti; a de servir como primeiro oficial do Estado-Maior da campanha da Matabelelândia; a de comandar aquele esplêndido grupo de homens e mulheres que defenderam Mafeking, na Guerra dos Boers; e a maior de todas, a de organizar o Corpo da Polícia da África do Sul, para pacificação do país, após a campanha. Com o correr do tempo cheguei ao posto mais alto de minha carreira, o de General Inspetor de Cavalaria, tendo nele ocasião de realizar o inspirador trabalho de preparação dos homens da nossa cavalaria para a Grande Guerra que se aproximava.

Dessa forma, na idade relativamente baixa de quarenta e dois anos estava como Major-Generai e aos cinqüenta e dois anos, graças a uma sorte ininterrupta e maravilhosa, havia completado minha carreira de soldado e me reformado, recebendo a devida pensão.

Vida número dois — Nesse ponto comecei minha vida número dois, iniciando existência inteiramente nova, em plano diverso, salvo num ponto, o escotismo, que já existia na primeira vida.

Casei-me com aquela que seria meu braço direito na educação não só de nossos próprios filhos, mas da vasta família de escoteiros e guias que surgiu então.

Deleitamo-nos em ver esse movimento crescer da pequenina semente, representada por 25 rapazes acampados na Ilha Brownsea, até se tornar a fraternidade de moças e rapazes de quase todas as na-

ções civilizadas do mundo, com um efetivo esse ano, de dois milhões e novecentos mil membros.*

Aí está um ligeiro esboço de minha vida, uma espécie de resumo, que permitirá a vocês anteciparem o modo pelo qual esse livro trata de certos detalhes de minha existência.

****Isso em 1933. Em 1986 a Organização Mundial do Movimento Escoteiro reunia mais de 16 milhões de membros.***

CAPÍTULO I MINHA EDUCAÇÃO

Qual foi meu preparo para a vida? Qual minha educação?

Veio ela de várias fontes: casa, escola, viagens, esportes, etc.

Bem, alguns de vocês, pensarão: "Sim, está muito bem, mas você (quer dizer eu) começou com o pé direito, com bastante dinheiro e muita sorte."

Certamente que tive carradas de sorte. Mas sorte é algo como a coragem, parte dela você recebe gratuitamente, mas a maior parte é você mesmo quem conquista.

Porém posso assegurar que dinheiro eu não tinha. Se seu pai fosse pastor, como o meu, com quatorze filhos e você fosse o décimo-segundo deles, pode estar certo que não começaria a vida nadando em dinheiro.

De meu pai recebi pouquíssima educação, porque morreu quando eu tinha três anos de idade. Sua morte representou grande perda para mim, pois ele era um homem de muitos talentos.

Felizmente para mim, mais ou menos nove anos depois de sua morte, a memória de meu pai foi rudemente atacada pelo Doutor Pusey, que provocou um coro de indignação e refutação, formado por aqueles que o haviam conhecido e admirado suas idéias animadas por um espírito aberto.

Se eram elas avançadas para a época (meu pai era cientista, além de pastor) não deixavam de ser idéias que hoje em dia são livremente discutidas e geralmente aceitas.

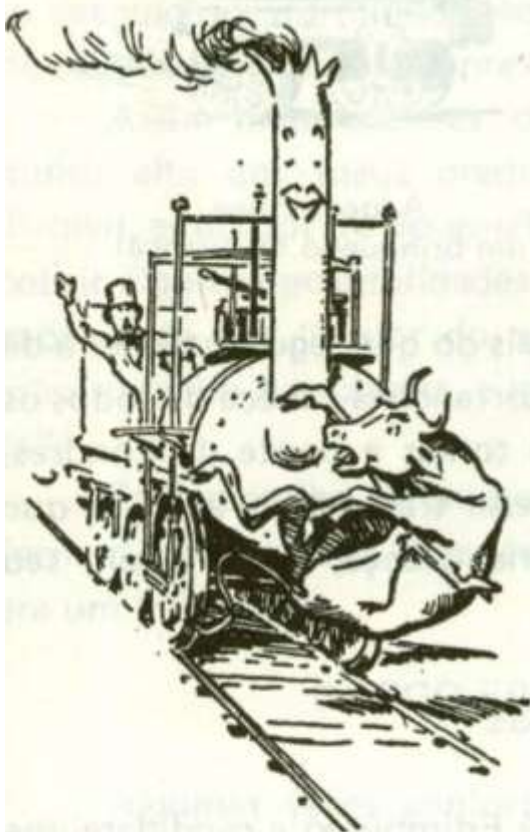
Se não fosse essa defesa, é possível que nunca viesse a conhecer suas belas qualidades.

MINHA MÃE

O segredo de meu sucesso na vida sempre foi a influência de minha mãe. A maneira pela qual aquela extraordinária mulher conseguiu educar-nos, sem que nenhum de nós tenha sido um fracasso; e a maneira pela qual não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem, escapa à minha compreensão.

Não somente, apesar de ser viúva e pobre, conseguiu alimentar-nos, vestir-nos e educar-nos, como também achou tempo para dedicar-se a outros afazeres fora de casa, em particular como uma das fundadoras da "Girls High School Movement", (movimento a favor de Escolas Superiores Femininas) ao qual tanto devem hoje muitas mulheres feitas.

Foi sua influência que me guiou pela vida afora muito mais do que quaisquer preceitos ou qualquer disciplina aprendida na escola.



A locomotiva, inimiga da vaca.

PRIMEIRAS AMBIÇÕES

É claro que, quando criança, o que queria ser era maquinista de trem, tal qual, segundo suponho, noventa e nove por cento dos meninos. Entretanto, sendo meu avô o engenheiro Robert Stephenson, filho de George Stephenson, inventor da locomotiva, eu tinha melhores razões que eles para essa preferência.

É engraçado que a noção de uma estrada de ferro fosse tão ridicularizada há menos de uma geração. Os velhos Stephenson se vi-

ram obrigados a explicar que o azar seria da vaca, se por acaso se encontrasse com uma locomotiva. John Leach caricaturava na época a locomotiva, apresentando-a como brinquedo de criança.

Quando tinha apenas oito anos tornei-me reformador e socialista esquentado. Elaborei então o que chamei de "Código para mim, quando for crescido". Era assim: "Farei com que os pobres sejam tão ricos quanto nós (não era dizer muito. . .) Deveriam igualmente ser tão felizes quanto nós. Todos aqueles que atravessarem cruzamentos deverão dar algum dinheiro aos varredores que são pobres, e deve-se agradecer a Deus por tudo que nos deu. Foi Ele que fez o pobre ser pobre e o rico ser rico, e eu sei como se faz para ser bom. Vou dizer,

Você deve orar a Deus sempre que puder, mas não se pode ser bom apenas orando, é preciso também tentar com muita vontade ser bom”.

Meu avô, almirante Smyth, escreveu-me a respeito. . . quanto a teu Código!. . . Leis não devem se parecer nada com uma quadri-lha da roça, com as pessoas andando de um lado para outro até não poderem mais. Antes são como remédio, os que tomam menos é que passam melhor. Quanto a tua intenção de “quando cresceres” igualar a



A locomotiva
um brinquedo de criança!

bolsa dos pobres e dos ricos, não fazes mais do que seguir na esteira de Jack Cade, que resolveu abrir caminho cortando a cabeça de todos os advogados. Esse cavalheiro decretou, ao tomar a ponte de Londres, que dali por diante todo mundo receberia tratamento igual, o que conseguiu realizar, pois perdeu a própria cabeça, sendo assim seu decreto rigorosamente cumprido”.

CHARTERHOUSE

Quando atingi os treze anos fui até Edimburgo e candidatei-me a uma bolsa de estudos para o “Fettes College”. Tive bastante sorte e fui um dos primeiros beneficiados, obtendo-a.

Mas no final de contas não me utilizei dessa Bolsa, pois minha sorte continuou e apenas uma ou duas semanas mais tarde ofereceram-me uma outra para Charterhouse. Aceitei-a.

Não fui um menino brilhante, nem mesmo estudioso como poderia ter sido. Pelas cadernetas escolares vê-se que minha conduta foi boa no princípio, piorando com o decorrer do tempo. Noutro dia resolvi incentivar meu filho Peter a estudar mais e merecer boas notas de seus professores. Desencavei minhas cadernetas escolares e convidei-o a examiná-las. “Olhe aqui”, disse, “hum — não é bem essa”. (Naquela caderneta Monsieur Buisson escrevera: “Regular — conduta poderia ser melhor”) “Bem, aqui está. . . Não”. (Nessa o Professor Doone re-

gistrara "Insuficiente" e o Professor de assuntos clássicos; "Interessasse pouco pelo trabalho").

Quando, apesar dessas opiniões pouco lisonjeiras, consegui ingressar no sexto ano, o novo mestre clássico, Dr. T.E. Page, generosamente registrou: "Satisfatório sob todos os aspectos"; mas o professor de matemática encarregou-se de contrabalançar essa opinião, dizendo "Parece que deixou praticamente de estudar matemática" e lia-se ainda que para francês "tinha jeito, mas havia me tornado muito preguiçoso, dormindo freqüentemente na classe" e que em matéria de ciências naturais "não prestava a mínima atenção".

Assim meus mestres, de modo geral, pareciam não ter opinião muito alta dos meus predicados. O diretor entretanto, Dr. Haig-Brown, educador de personalidade, conseguiu, apesar das críticas, descobrir algumas possibilidades na minha pessoa e observou que a minha capacidade era "maior do que transparecia através do resultado do meu trabalho nas classes, e que estava satisfeito com a minha conduta".

Essa centelha de ânimo foi sendo abanada por mim até se transformar numa chama de energia, ao sentir, mais tarde que o trabalho era um imperativo.

GREGO ERA GREGO PARA MIM.

Algumas vezes confortou-me a idéia de que homens de mais valor do que eu tenham demonstrado também não serem gênios na escola.

Winston Churchill no seu delicioso livro "My early life" confessa que quando na escola não conseguia assimilar os clássicos ou a matemática.

O honorável John Collier declara que nada lhe adiantou sua educação clássica em Eton; e Lord Darling opinou que "nosso país recentemente envolveu-se em aborrecimentos no Oriente, simplesmente porque o grego é compulsório nas escolas. Esse fato levou muita gente, de outro modo sensata, em particular o Sr. Gladstone a comprometer seu país com os gregos, simplesmente por haverem lido sobre Helena e Ulisses, que a meu ver era uma pessoa assaz desacreditada".

Lord Darling, como o Sr. Winston Churchill "sente-se feliz por não ter perdido seu tempo aprendendo grego, aproveitando-o na tarefa muito mais útil de aprender inglês".

Da mesma forma o finado Lord Birkenhead, possuidor de luminosa inteligência, confessou ignorar completamente os clássicos.

Lord Balfour, na sua autobiografia, poderia estar escrevendo por mim quando disse: "Veja você, quando volto os olhos para trás, mete-me medo constatar o pouco que mudei em setenta anos. Se tiver que escrever sobre mim mesmo, terei que mostrar a meus semelhantes o que realmente sou, um homem preguiçoso, que sempre teve o que fazer. Não sou um erudito, mas tenho uma tintura de inúmeros conhecimentos. Não foi por culpa de meus professores que não consegui absorver o latim ou o grego; não foi por minha culpa que nenhuma outra língua jamais me tenha sido ensinada".

O Marechal de Campo, Sir Henry Wilson foi reprovado duas vezes no exame vestibular para o exército!

Meus conhecimentos clássicos não foram mais profundos do que os matemáticos, entretanto não sei de que jeito e quando teriam sido úteis mais tarde em minha vida. Bons conhecimentos de uma ou duas línguas estrangeiras, além do inglês, de ciências, de contabilidade, de história geral, e de geografia, ou pelo menos alguma idéia de como adquirir esses conhecimentos e praticá-los teriam sido de valor inestimável.

Obrigar meninos pequenos, completamente desinteressados a aprender latim e grego, parece-me ser perda de tempo tão estúpida quanto fazer meninas que não têm ouvido para a música, passar longas horas ao piano aprendendo escalas.

Sei que estou expondo minha ignorância sobre ciência e teoria de educação ao dizer isso, entretanto estou apenas me guiando pelos resultados que vejo no mundo, à minha volta.



Eles haviam lido sobre Helena e Ulisses.

Alguém disse, usando de franqueza rude, que “a principal vantagem de nosso sistema escolar é produzir sensatez, boas-maneiras e tenacidade; mesmo que ele não transmita muitos conhecimentos”.

De qualquer forma já se demonstrou que esse sistema produz homens capazes de resistir à corrupção e ao suborno, homens de iniciativa, auto-disciplinados e responsáveis e, como Roxburgh diz em “Eleutheros” “homens aceitáveis numa festa e inestimáveis num naufrágio.”

Sei que minhas críticas são descabidas hoje em dia. Desde os meus tempos de escola já decorreu metade de um século e os métodos educacionais progrediram e melhoraram. Mas os métodos tradicionais costumam a desaparecer e considerando-se as centenas de jovens que as escolas soltam no mundo cada ano, são eles ainda responsáveis pelo fracasso em se produzir, em quantidade significativa, líderes de capacidade ou jovens interessados nos problemas sociais de nossos dias.

Há ainda muitos zangões nas nossas colméias, há ainda grande desperdício daquele material humano que, especialmente na presente conjuntura, seria de valor inestimável para o País, se fosse dirigido para a alegria e a aventura de SERVIR.

ESCOTISMO

Por dentro de minha carreira no Exército correu sempre um veio, uma mania poderão dizer, tipo uma obseção que, ao mesmo tempo que dava interesse ao meu trabalho, acabou também sendo útil ao Serviço.

Mais tarde provou ser o elo de ligação entre minhas duas vidas, tão díspares sob outros aspectos.

Esse elo foi o escotismo.

O Escotismo abrange tarefas um tanto diversas. Em poucas palavras, é a arte ou a ciência de conseguir-se informação. Antes ou durante uma guerra informar-se sobre os preparativos do inimigo, sobre sua força, suas intenções, seu terreno, suas circunstâncias e seus movimentos, é essencial e vital para que um comandante ganhe a batalha. O inimigo, por sua vez, procura manter esses detalhes o mais possível em segredo.

Dessa forma a tarefa da pessoa que tem que descobri-los é difícil e arriscada. Se trabalhar disfarçado, é chamado de espião e fuzilado; se estiver de uniforme ainda fica mais visível ao inimigo, correndo, igualmente o risco de perecer tragicamente.

Para fazer trabalho eficaz, precisa ele ter bons conhecimentos da tática e organização militares. Precisa também ter, em alto grau, quatro qualidades que em outro lugar declarei serem necessárias ao bom soldado: coragem, bom-senso, astúcia e habilidade em cooperar sem perder o bom-humor.

Comodidade e segurança pessoais não entram em consideração. Mas ele desempenha um papel emocionante que, por seu imenso benefício à Pátria, compensa todos os riscos.

Além de tudo que aprendi quando na escola — não foi grande coisa de abafar — tenho a considerar como de grande valor os conhecimentos que adquiri fora das salas de aula e em especial nas férias, com meus irmãos.

Essas fontes suplementares de educação foram: Teatro, Natureza, Navegação. Mais tarde tive aulas mais adiantadas: Viagens ao Estrangeiro, Caçadas, Serviço Ativo.

Agora, antes de continuar, peço permissão para dizer que tive por algum tempo a idéia de chamar este livro "Bombas em minha Vida", pois os fatos mais importantes para minha carreira apareceram sempre de sopetão, através de fatores independentes de minha vontade.

TEATRO

A primeira bomba caiu em cima de mim quando, ainda pequeno, em Charterhouse, mandaram-me de repente fazer o papel principal, o de Bob Nettles, numa comédia chamada "Aos Pais e Professores".

O Dr. Haig-Brown, que tinha idéias adiantadas, considerava as dramatizações um meio eficaz de educação para certo tipo de menino, por conseguinte fazia tudo para encorajá-las e chegava mesmo a ordená-las.

Eu fui um dos felizes requisitados para representar e sempre senti gratidão por ter sido iniciado então nessa espécie de atividade que

resultou num treinamento muito útil para falar em público e deu-me facilidade de expressão; principalmente, porém, deu-me aptidões para a espionagem, desenvolvendo em mim habilidade para mudar o timbre de voz, da aparência e do jeito, conforme a ocasião.

A FLORESTA

No meu tempo de menino, em Charterhouse, logo fora dos muros, havia o "Bosque", longo terreno arborizado, no flanco de uma colina, estendendo-se por mais de uma milha ao redor dos campos de recreio.

Era aí que costumava passar longas horas imaginando ser caçador e escoteiro. Arrastava-me cuidadosamente pelo chão, procurando rastros e tentando me aproximar de esquilos, coelhos, ratos e passarinhos, a fim de observá-los.

Fazia armadilhas e quando conseguia pegar um coelho ou uma lebre (o que não se dava freqüentemente), aprendia penosamente, por experiência própria, a tirar-lhe a pele, limpá-lo e assá-lo. Mas sabendo que havia índios por perto, na forma de professores à cata de fujões, tinha o cuidado de fazer um fogo bem pequeno, que desprendesse pouca fumaça, a fim de não trair minha presença.

Incidentalmente, tornei-me bastante astuto para me esconder em cima de uma árvore quando se aproximava o perigo, pois a experiência me ensinara que os professores em busca de desertores raramente olhavam para cima. Os gregos erraram quando chamaram o Homem "Anthropus", "aquele que olha para cima", pois a prática demonstra que raramente ele olha acima de seu próprio nível.



Bob Nettels e Waddilove.



Os professores não são "anthropus"

Assim, sem o saber, fui adquirindo um tipo de educação que mais tarde seria de grande valor para mim.

Esses conhecimentos foram-me de um precioso auxílio nas grandes caçadas, como também no escotismo, pois iniciaram em mim o hábito de reparar em pequenos detalhes ou "sinais" e de tirar conclusões, em outras palavras o hábito inestimável da Observação e da Dedução.



Escondido no "Bosque".

ESCOTISMO NO MAR

Apesar de não ter tido a orientação de um pai, sendo o sétimo filho homem, gozava de bom treino nas férias, em companhia de meus irmãos mais velhos. Todos eles tinham bem desenvolvido o instinto esportivo e eram bons camaradas entre si, nadadores de primeira classe, jogadores de futebol, remadores, etc. Todos sabiam imaginar e executar o que fosse preciso para substituir o que não podiam comprar, chegando mesmo a construir um barco.

Fazíamos nossas próprias cabanas, nossas redes de pesca ou de caça de lebres e pássaros, e assim pegávamos e assávamos nossa comida para satisfação nossa em geral e de nossos estômagos em particular.

Eu, como caçula, tinha minha parte no trabalho, cabendo-me especialmente aquelas tarefas que naturalmente seriam delegadas ao mais moço de um grupo, tais como limpar o peixe ou a caça (trabalho realmente sujo!) ajudar a cozinhar e lavar os pratos e utensílios.

Tudo isso era muito bom para mim.

Certa ocasião, ao recebermos algum dinheiro, foi-nos possível comprar um bote desmontável. Nele, entre outras viagens, fomos certa vez de Londres, rio Tâmisia acima, praticamente até sua nascente; dali carregamos o bote através algumas colinas, cruzamos o Severn e navegamos o Wye, contra a correnteza, até nossa casa, no País de Gales. Foi uma viagem bastante aventureira, em particular a travessia das sete milhas do Severn, na casquinha-de-noz que era nosso bote de lona. Realmente, foi uma expedição das mais instrutivas para mim.

Um dia, quando nosso dinheiro deu para isso, tornamo-nos proprietários de uma pequena embarcação de dez toneladas, construída segundo desenho de meu irmão Warington, e nela nos divertimos muitíssimo, cruzando as costas da Escócia e da Inglaterra, em todas as estações do ano. Muitas vezes nos vimos em apuros e conseguimos nos safar, ganhando assim considerável soma de experiência e prática.

Tratarei mais adiante de algumas dessas aventuras; quero falar aqui apenas de seu valor educacional; a disciplina, a tenacidade para suportar as necessidades, os perigos enfrentados nesses cruzeiros, foram um aprendizado de valor inesgotável pela minha vida afora, aprimorando a formação do nosso caráter.

VIAGENS E ESPORTE

O aprendizado restante tive-o mais tarde, depois de findos meus tempos escolares, por meio de Viagens, Grandes Caçadas e Serviço Ativo no Exército.

Durante as viagens tive oportunidade de ver como viviam os demais povos e de comparar sua maneira de vida com a nossa.

A convivência com muita gente nessas viagens proporcionou-me novas experiências e alargou meus horizontes, coisa muito necessária à minha educação.

Através do esporte na jângal, cheguei mais perto da Natureza e adquiri então boa prática em seguir pistas e em cercar a caça sem ser pressentido, bem como habilidade para instalar o acampamento. Acostumei-me também a enfrentar o perigo. Tudo isso veio a contribuir mais tarde para o sucesso do meu escotismo.

Em seguida, quando em serviço ativo no Exército, completei

minha educação, praticando por necessidade o que antes era esporte apenas.



Escondido para a guerra.

ESCOTISMO NA GUERRA

Qual o melhor momento de que pode se lembrar na sua vida?

Pela parte que me toca, apesar de minha vida ter sido uma série de momentos agradáveis, quando me pergunto de qual deles mais gostei, minha memória, sem hesitação, voa para uma planície seca e estorricada na Rodésia, sob um sol escaldante. A única sombra que me protege do calor ardente é projetada pelo meu casaco colocado sobre um arbusto. Minha roupa está reduzida a frangalhos, e o único alimento é a carne de cavalo e uma ração dupla de farinha, que usualmente, por falta de tempo, ingerimos misturada com água. Estamos exaustos e debilitados pelas marchas noturnas constantes para perseguir um inimigo selvagem e astuto.

Temos o rosto ulcerado pela permanência demorada no "Veldt" (planície) e o único lenimento que possuímos é um pouco de graxa retirada das rodas das carroças, com a qual adornamos nossos rostos e nossas mãos. Nossos cavalos não são mais do que tristes caixas de

ossos, cansados, muito cansados.

E entretanto estamos rijos e gozamos de boa saúde. Cada dia nos traz novas aventuras, novo interesse e novos problemas. Formamos um grupo unido e experiente de bons camaradas. Que esplêndida e despreocupada aventura!

E as noites, então; aquelas claras e geladas noites sob o escuro céu, pontilhado de pequenas e grandes estrelas que parecem cintilar caçoístas, enquanto seguimos silenciosamente, astutamente, no encalço do inimigo (com toda probabilidade de ter o inimigo também em nosso encalço. . .).

Procuramos quase pelo tato o caminho na escuridão implacável, desconfiando de cada pedra e de cada arbusto, com todos os sentidos tensos, olhos, ouvidos e olfato alerta para ouvir, ver e sentir o cheiro do inimigo.

Vamos nos adiantando, rastejando, estacamos, rastejamos de novo, com mortal paciência, num jogo de esconder com os olhos vendados. . . Cada qual está sozinho dependendo exclusivamente da habilidade própria do explorador escoteiro para guiar-se, safar-se e salvar a vida, mas acima de tudo, para não voltar da missão de mãos abanando.

Arriscado? Claro que era arriscado. E esse risco era o sal que dava sabor ao empreendimento. A primeira vez que um habitante da Matabelelândia me avistou por entre as rochas esparças de uma colina, meu coração disparou.

Mas ao perceber eu que com meus sapatos de sola de borracha era capaz de correr mais rapidamente do que ele, a coisa melhorou muito e por nove vezes dei-me ao luxo de escapar dessa maneira.

Porém causava-me certa "emoção" como dizem os franceses, vê-los correr atrás de mim, soltando gritos, tal como uma matilha que avistou a caça.

A ameaçadora recomendação do chefe: "Não o matem, quero-o vivo", era-me ainda um incentivo (se é que precisava de incentivo...) Um passo em falso, ou um tornozelo torcido resultariam em longa e protelada tortura, antes que o golpe final trouxesse a morte misericordiosa.

Mas para pensamentos como esse não havia tempo naquele momento cheio de ação e estímulo. Só sei que a memória devolve-

-me a exaltação e o sentimento de que ser explorador escoteiro valia a pena.

Era trabalho de **HOMEM** e isso me agradava muito.

ESCOTISMO NA PAZ

Tendo falado no uso do escotismo, durante a guerra, com seus riscos e satisfações, devo explicar que existe também escotismo em tempo de paz, igualmente cercado de atividades agradáveis e de duras provações.

Tal qual o batedor militar, que vai a frente do exército, abrindo-lhe o caminho, colhendo informações e facilitando o avanço, da mesma forma o escoteiro, em tempo de paz, vai na frente, por regiões inexploradas, para obter informações e abri-los ao avanço da civilização.

São eles os exploradores, os bandeirantes, os pioneiros, os missionários, os caçadores e os tropeiros da fronteira. Homens de capacidade, de coragem, rijos, capazes de construir seus próprios caminhos sem ajuda alheia. Quando os tempos são maus, agüentam tenazmente, prontos a continuar, tão logo surja a menor oportunidade de fazê-lo.

Conservam eles atitude de contentamento e esperança mesmo quando a situação é a pior possível e são homens a quem se pode confiar uma tarefa com a certeza que será levada a cabo, sem supervisão ou aplauso.

Na prática observa-se que esses homens de fronteira estão sempre prontos a ajudar uns aos outros, quando o perigo ameaça ou avultam dificuldades.

Em toda parte do mundo vi esses escoteiros britânicos da Paz, em suas escunas nos mares do Sul ou por entre os montes de gelo da Terra Nova; domando rios nas longínquas florestas canadenses em busca de energia para a crescente população da região; iniciando e dobrando a produção do milho em Quênia, onde essa cultura era desconhecida; procurando descobrir carvão e ferro para utilização futura na Rodésia; vencendo os desertos da Austrália e da África do Sul; ou pacificando e educando os nativos da Nigéria e do Sudão.

Esses escoteiros avançam desapercibidos, sem louvores, mas persistindo sempre.

Os mesmos atributos pessoais são necessários aos escoteiros da Paz e da Guerra: quer dizer, energia, auto-confiança, coragem, segurança e habilidade em se sacrificar de cara alegre quando em serviço.

E pensando bem, essas qualidades seriam úteis também a cidadãos de regiões civilizadas.

Não são entretanto qualidades que possam ser ensinadas na escola; têm que ser adquiridas e desenvolvidas pelo próprio indivíduo. Não seria possível levar cada rapaz ou moça para grandes regiões solitárias, a fim de ensiná-los, mas é perfeitamente possível trazer algo delas até seu alcance. É o que estamos fazendo através do Movimento Escoteiro.

E foi assim que minhas duas vidas, a número um, militar e a número dois, civil, ligaram-se pelo laço comum do escotismo do qual estavam ambas imbuídas.

CAPÍTULO II

EM CHARTERHOUSE

Tenho a convicção que o fato daquele diretor de vistas largas e de grande lucidez que era o Dr. Haig-Brown ter sempre encorajado entre nós as representações, foi-nos de grande valia depois em nossas vidas.

VALOR EDUCACIONAL DAS DRAMATIZAÇÕES

Não era necessariamente com o intento de transformar-nos em atores profissionais que o Diretor agia assim, mas antes com o desígnio de educar-nos.

Por esse meio tornou-nos ele aptos a apreciar um pouco as belezas da expressão poética. Exercitou nossa memória, fazendo-nos capazes de decorar as falas, ensinou-nos a nos expressarmos diante de um auditório sem acanhamento, a articular com clareza, a usar frases precisas, a modular a voz e gesticular apropriadamente, a fim de captar a atenção e o interesse de nossos ouvintes. E ainda por cima ensinou-nos, o que nos viria a ser muito útil, a avaliar, na hora, o grau de interesse que estávamos despertando; coisas essas de grande auxílio ao se falar em público.



"Articular Claramente"

"Jogo de voz e dos gestos."

"Agarrar o auditório"

ALGUNS EXEMPLOS DE REPRESENTAÇÕES

Correndo os olhos pelo passado, vejo que de uma feita o finado Lord Grenfell, então Major de Brigada em Shorncliffe, obrigou-me a fazer uma série de palestras para a guarnição militar, série que incluía os seguintes assuntos:

“Realejos dos antigos romanos”

“Máquinas diversas a vapor”

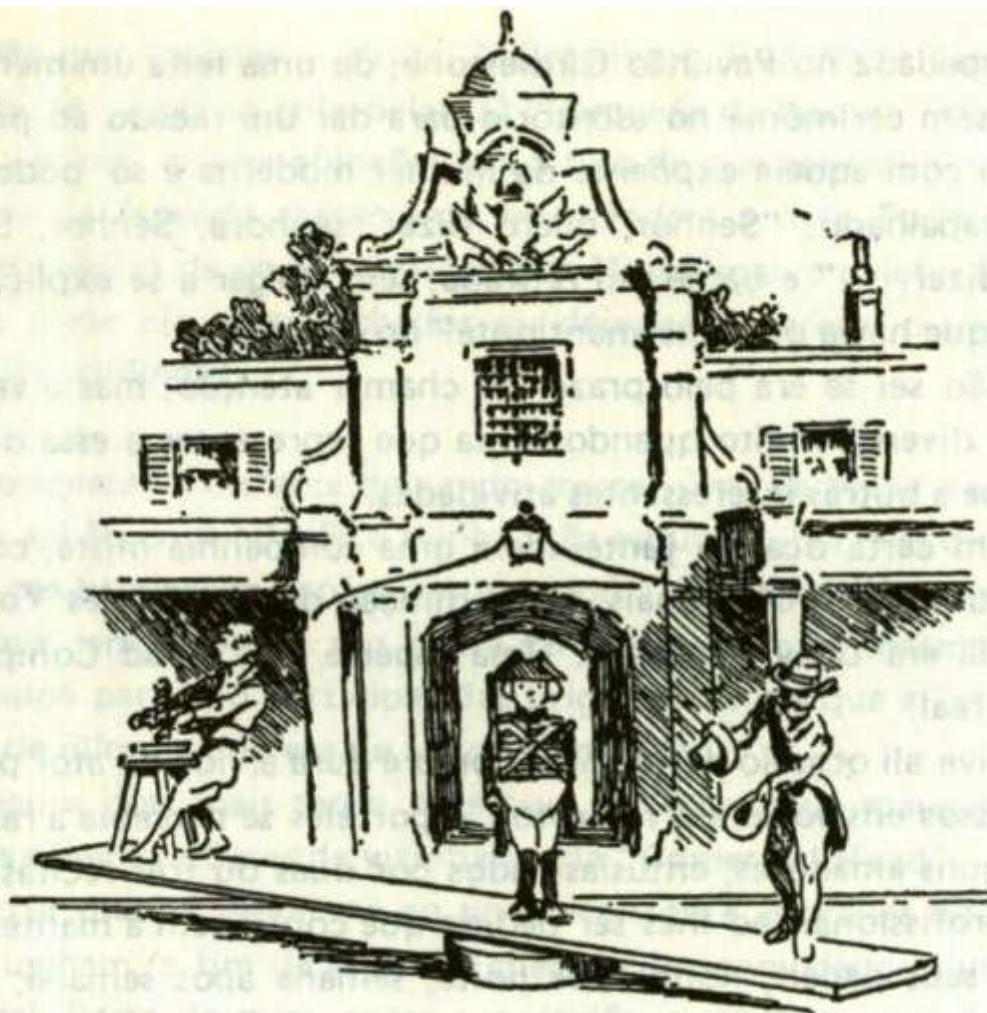
“Cavalos mortos e similares”

Era evidente que me atribuíam conhecimentos os mais variados!

Um velho programa traz-me à lembrança a ocasião em que fiz o papel de Capitão O'Scuttle na peça “Poor Picadilly”. Foi iniciativa da família Carr Glyn de Hanford, perto de Blandford, propriedade ocupada então por Lord Wolverton (Mestre da esplêndida matilha usada nas caçadas do Vale de Blackmore).

“Cox and Box”, a opereta imortal de Burnand e Sullivan, teve-me como intérprete, segundo creio, vinte e seis vezes em ocasiões diferentes. A mais notável delas foi no “Castle”, da Cidade do Cabo.





Esboço do programa para a representação de "Cox e Box"
no castelo da Cidade do Cabo.

Aí está o desenho impresso no programa e que mostra o Tipógrafo dentro de casa, enquanto o Chapeleiro está do lado de fora e o Sargento Pulador está no meio, mantendo o equilíbrio entre os dois. O fundo mostra o antigo portão do Castelo.

As jovens modernas quando pensam em suas predecessoras vitorianas acham ridícula a sua exagerada e afetada modéstia; a idéia que fazem delas entretanto é um tanto falsa.

Poderia se o quisesse, mas não farei, contar-lhes algo sobre aquelas mesmas jovens vitorianas que teria o efeito de abrir-lhes os olhos e modificar-lhes essa opinião!

Mas se pensam as jovens de hoje que foram elas as primeiras a ter a "bravura" de cortar o cabelo e de fumar cigarros, estão redondamente enganadas. Conheci uma senhora que certa vez veio tomar parte numa representação em Charterhouse, que usava o cabelo curto e fumava, não anêmicos cigarros, mas grandes e honestos charutos! Fi-

cou hospedada no Pavilhão Girdlestone; de uma feita um menino, entrando sem cerimônia no escritório para dar um recado ao professor, deparou com aquele expoente da mulher moderna e só pôde balbuciar atrapalhado: "Senhor, quero dizer, senhora, Senhor, Senhora, quero dizer. . ." e bateu em retirada, sem chegar a se explicar, espalhando que havia um "thermantidote" no Colégio.

Não sei se era pelo prazer de chamar atenção, mas a verdade é que me divertia muito quando tinha que representar e essa ocupação levou-me a outras interessantes atividades.

Em certa ocasião juntei-me a uma companhia mista, composta de amadores e profissionais, sob a direção de Sir Charles Young, cuja estrela era Lady Monkton. Uma espécie de "Good Companions" da vida real.

Tive ali ocasião de verificar como é dura a vida do ator profissional. Nossos ensaios eram rigorosos, e por eles se percebia a razão pela qual alguns amadores, entusiasmados por duas ou três récitas, falham como profissionais ao lhes ser pedido que continuem a manter o espírito de seus papéis, noite após noite, semana após semana, durante muitos meses.

ENSAIO SOBRE CASTAS

Em outra ocasião fui escolhido para fazer o papel de Sam Geridge, o bombeiro, na peça "Casta". Era uma representação fora do comum, pois todos os atores faziam papéis de acordo com sua profissão na vida real, com exceção do Major Lacey, que fazia o bebereão Eccles e eu no papel citado acima.

Rosina Vokes fazia o papel da bailarina Polly Eccles e os dois oficiais de cavalaria na realidade seguiam essa profissão. Lacey prometeu-nos que fazia o possível para tornar real o seu papel, absorvendo metodicamente grande quantidade de álcool... A vista disso vi-me na obrigação de aprender o ofício de bombeiro. Entreguei-me de olhos fechados nas mãos do Sr. Greenburg, alfaiate de Chelsea, que providenciou para mim uma roupa já usada para o serviço e mais uma domingueira. A propaganda impressa do Sr. Greenburg, dá idéia da sua clientela:

“Roupas bacanas — Visite C. Greenburg, Rua White Lion, Chelsea, se quiser se enfarpelar. O “Campeão da tesoura” mencionado acima, chama atenção para o fato de que conseguiu uma partida de fazenda sensacional, que venderá à vista. Poderá fornecer calções de corte moderno por 10 shillings, e coletes fantasia, de corte elegante, fechados ou deixando aparecer o peito, por nove shillings”.

Completei o disfarce deixando crescer uma barbicha e evitando a água e sabão com relação a minha mão esquerda. Na mão direita coloquei uma bandagem e enfiei-a numa tipóia. A minha idéia era sugerir que estava sem trabalho por causa do ferimento e ao mesmo tempo ter desculpa para não participar das brigas eventuais que a “etiqueta” exigisse de mim, em defesa de algum camarada.

Alguns dias mais tarde, lá estava eu, estudando meus modelos vivos nas oficinas e bares da vizinhança da “Comercial Road”.

Certa manhã juntei-me ao povo em frente as grades do Palácio de Buckingham, a fim de assistir a chegada dos convidados a uma função oficial. Perto de mim, entre a multidão, se encontravam duas mocinhas de bom aspecto, vestidas decentemente.

Justo quando estavam comentando encantadas, um dos vestidos que haviam visto, um sujeito sujo, meio bêbado, grosseirão, empurrou-as a fim de conseguir melhor lugar para ver o espetáculo, tendo uma delas escorregado para a sarjeta. “Vamos, dona Maria, saia da frente”, berrou ele.

Num segundo, apesar de não ter eu a intensão de derrubá-lo, estava ele de costas no meio da rua. Ergueu-se depressa e, de uma cuidadosa distância começou a dirigir-me palavras de baixo calão, enquanto procurava uma pedra com que desse maior ênfase ao palavreado.

Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, a polícia apareceu e deu sumiço ao homem num instante, passando-o de mão em mão.

Enquanto isso as mocinhas me agradeciam como se eu lhes tivesse salvo a vida, ao mesmo tempo, fazendo votos para que meu braço amarrado não tivesse sofrido por causa delas.

Quebrado assim o gelo, num instante estávamos bons amigos e comecei a identificar para elas os personagens que iam chegando.

Quando depois das despedidas, íamos indo embora, acabado o desfile, já estando eu afastado uns doze passos, vieram elas atrás de mim, acompanhadas de um rapaz simpático. Apresentaram-no como sendo Jim Bates, carpinteiro, noivo de Kate e fizeram sem rodeios grandes elogios a minha pessoa e a meu modo "heróico" de agir.

Jim Bates não era de meias medidas e carregou-me incontinentemente para tomar chá com sua mãe, numa ruela em Westminster. Desde então fiquei sendo amigo da família. Tornei-me companheiro constante de Jim no trabalho e nas horas de folga, pude realmente apreciar nele o jovem trabalhador inglês ideal.

Sob sua competente e involuntária tutela, cedo adquiri o desejado conhecimento dos costumes e modos de sua classe e isso através de circunstâncias muito mais agradáveis do que imaginara.

Eu era conhecido na família como Charlie e tinha inteira liberdade para entrar e sair a vontade, em sua casa.

Depois da estréia da peça, naturalmente minhas visitas cessaram e não tornei a vê-lo a não ser muitos anos mais tarde.

Foi na parada do Jubileu em Aldershot. Ia eu a galope, no meu uniforme de hussardo, transmitir uma ordem do Estado Maior quando quase atropeli um rapaz esbaforido, que carregava o filhinho no colo e puxava pelo braço a mulher.

"Olá, Jim! Como vai, Sra. Bates? Não se lembram de mim? Charlie! Tome, Jim, mostre este cartão no portão da arquibancada e poderão ver melhor o desfile. Adeus!

Foi a última vez que vi Jim Bates. Mas sinto sempre, pensando nele, certa gratidão, por ter me ajudado sem querer a representar o papel de Sam Gerridge.

IMPROVISANDO

A falta de tempo não permitia os ensaios, mas o papel do Praça Williams, a sentinela, é notadamente fácil, considerando que tem apenas que cantar uma canção, enquanto está de serviço, sem ter que dialogar com os outros personagens.

Tinha eu terminado minha canção e dado a deixa para a entrada da protagonista, quando, patrulhando o palco de cá para lá, ao me

aproximar do lado onde estava o ponto, segredou-me ele: "Ela não está pronta. Improvise qualquer coisa".

E eu improvisei. Depois de olhar cuidadosamente em volta, como para me assegurar que não havia um oficial por perto, encostei o rifle, com um suspiro de alívio, e num monólogo improvisado exteriornei (sob o ponto de vista do praça) minha opinião sobre o serviço de sentinela, dando várias idéias para suavizá-lo e burlá-lo, sem grande risco de ser apanhado.

Sendo a platéia composta de militares (entre eles estava o Duque de Connaught), minhas observações fizeram sucesso; a tal ponto mesmo, que o diretor de cena insistiu para que na próxima representação fosse mantida a cena improvisada.

Ordinariamente teria sido difícil para mim falar de sopetão, sem ter pensado antes no que iria dizer. É entretanto um fato curioso que tenho observado mais de uma vez, que quando a atenção está integralmente concentrada no assunto do momento, como é o caso quando se está num palco, as idéias apropriadas surgem como por encanto, de maneira surpreendente.

O improviso, apesar de ser considerado defeito pelos profissionais da ribalta, é uma vantagem, pelo menos sob certo ponto de vista. É que desenvolve a presença de espírito que permite responder a um adversário, durante um discurso.

Pode ser que a seguinte anedota seja muito conhecida, entretanto, de qualquer forma vale a pena contá-la, como exemplo de presença de espírito: Sir Jorge Reid, Alto Comissário da Austrália, ao fazer um discurso durante uma campanha política, foi interrompido por um indivíduo da platéia, que lhe disse: "O senhor é um bandido de duas caras". Sir Jorge olhou o homem por um décimo de segundo e respondeu: "Bem, o mesmo não se pode dizer do senhor, pois do contrário teria deixado a que está usando em casa."

BRINCADEIRAS

Acabara eu de desembarcar em Malta, de volta de uma visita à Sicília. Durante minha estada naquela ilha havia comprado como curiosidade uma daquelas altas selas de metal com as quais os habitantes costumam enfeitar seus cavalos e mulas.

Ela era ornamentada com uma carreira de botões de metal protuberantes, em volta de um ferro, terminado por duas bandeiras também de metal. Nos lados havia mais botões, esses bem maiores.

Um amigo me vendo chegar com esse estranho objeto perguntou: "Isso é um instrumento musical?"

"O que mais havia de ser?" respondi.

Pedi-me ele então, todo crente, que tocasse o instrumento num concerto que ia se realizar na semana vindoura.

Foi o que fiz.

Combinei com a orquestra a execução de um noturno clássico, cujo solo seria executado por mim no "Selafone". Coloquei uma correia no "instrumento" para dependurá-lo no pescoço. Na altura da boca prenti um pente recoberto de papel fino. Na hora do concerto "cantei" através o pente num agudo falsete, enquanto ia "tocando" as notas nas protuberâncias da sela e fingindo modular o som nas protuberâncias maiores dos lados.

Ninguém percebeu a brincadeira, sendo plenamente aceito o "selafone" como instrumento musical.

Tenho até medo de contar quantos desses incidentes alegraram o meu passado; entretanto o melhor deles e que mais diversão me causou foi o ocorrido em Simla.

A MISTIFICAÇÃO DE SIMLA

O Capitão Quentin Agnew, Ajudante-de-Ordens do Comandante Sir George White, era um homem que devia ter mais juízo. Em vez disso costumava me desviar. Certa vez tomamos uma frisa no teatro, para um grupo de amigos,



Um novo instrumento de música

encomendando uma ceia no Clube, para terminar a noite. Enquanto estávamos nos vestindo, teve ele a idéia de nos disfarçarmos e comparecermos ao teatro como desconhecidos. Foi só pensar e já estava feito.

Escolheu ele o papel de correspondente de jornal inglês e eu, de Conde Italiano, correspondente do "Roma". Fingíamos nós termos apenas desembarcado e estarmos a caminho da frente do Afeganistão, onde a guerra estava por estourar.

Conseguimos que outro Ajudante-de-ordens levasse-nos ao teatro e nos apresentasse a nossos amigos já reunidos na frisa. Explicou ele que nós dois tínhamos trazido cartas de apresentação para o Comandante em Chefe e que, o Capitão Agnew e eu tínhamos tido de ir jantar. Estávamos jantando com o Comandante. Será que nossos bons amigos se encarregariam de entreter esses dois estrangeiros durante sua ausência:

Estávamos certos de sermos descobertos, ao passar os primeiros dez minutos, mas por um capricho da sorte nossos amigos pareciam não alimentar a mínima desconfiança e no fim do primeiro ato fomos levados pelo teatro para sermos apresentados a outros amigos.

Nenhuma suspeita foi levantada sobre nossa identidade; pelo contrário, recebemos algumas confidências e opiniões, que tenho certeza jamais teriam sido feitas a amigos!

Como no fim do espetáculo ainda não tivéssemos sido descobertos, resolvemos ir a nossa própria ceia como hóspedes em vez de anfitriões.

Mandei apressadamente um bilhete a um jovem oficial do meu Regimento que estava de folga, e pedi-lhe que fosse ao Clube receber os convidados em meu nome, pois o jantar do Comandante ainda não havia acabado e eu não podia me ausentar.

Num Post-Scriptum dizia que entre os convidados havia dois correspondentes estrangeiros, estranhos ao lugar e que deveriam receber atenção especial, pois um deles era um Conde italiano.

Quando chegamos ao clube lá estava meu fiel subalterno esperando para nos receber, mas quando na falta de conhecimentos de italiano, começou a conversar comigo num francês atroz mal pude conter o riso.

De qualquer modo, consegui manter rígidos meus músculos faciais, mas as lágrimas vieram-me aos olhos. O subalterno notou-as e perguntou-me anciosamente: "Est-ce que vous êtes malade aux yeux?" Respondi num sotaque horrível: "estou com os olhos irritados."

Essa frase ficou célebre em Simla durante meses. Quando alguém perguntava "Como vai?" a resposta era: "Estou com os olhos irritados".

Foi quase no fim da ceia que o inevitável ocorreu. De esguelha vi uma das convidadas passando por de trás de Agnew e tendo reconhecido suas costas, aproximou-se para falar com ele. Com grande surpresa deu de cara com um homem barbado, falando com sotaque londrino.

Afastou-se e segredou suas suspeitas a um amigo. Percebi que algo de rápido tinha que ser feito.

Fingi estar um pouco embriagado. Como resultado as senhoras que estavam na minha vizinhança imediata, acharam que era chegada a ocasião de deixar a mesa. Como eu insistisse em tentar segui-las fui prontamente derrubado pelo cavaleiro mais próximo que me fez tropeçar. Mas levantei-me e segui as damas que se retiravam precipitadamente para a sala ao lado, até que notando que estavam realmente alarmadas, tirei fora a cabeleira e dei-me a conhecer; ficaram elas sossegadas, mas não eu, pois meus companheiros imediatamente me "agrediram" e rolaram comigo pelo chão às gargalhadas.

No dia seguinte fui apresentar-me ao General-Ajudante e a primeira pergunta que me fez foi, numa voz de trovão: "Você é o oficial comandante do 5.^o Regimento de Dragões da Guarda?" Julguei entretanto surpreender um certo brilho maroto no seu olhar, de maneira que audaciosamente respondi: "Não senhor, meu Regimento está em Meerut".

Ele aí riu e disse: "Porque você não foi a minha frisa ontem a noite? Respondi imperturbavelmente: "General, tem limite, costume parar antes de chegar aos generais".

Atribuo a esse episódio, o fato de ter caído em suas boas graças, sendo enviado logo depois para o serviço ativo.

Logros, peças, farsas, embustes, trotes, como os quiser chamar, são boas coisas, mas tal qual as caricaturas, correm o risco de magoar a "vítima", embora divirta o "artista" e os espectadores.

Desde que se tomem providências para evitar isso, é uma atividade sadia para jovens cheios de vida. A maior dificuldade é que quase sempre a própria juventude ocasiona falta de critério para saber qual o limite, além do qual não convém ir. Muitas vezes o farsante deixa-se levar pela brincadeira e chega ao excesso, transformando-a em confusão e incômodo.

Fazer-se passar por outra pessoa tem sua utilidade e pode ser educativa com relação a certas profissões. Habilidade em se disfarçar e personificar alguém, sem se trair, é um dom que pode ter enorme valor no serviço secreto.

Entretanto é necessário ter bastante presença de espírito e confiança em si para poder levar a cabo uma atividade dessas, pois a própria vida da pessoa dependerá muitas vezes do êxito da iniciativa. Preliminarmente convém praticar bastante, organizando brincadeiras e trotes, entre os amigos e companheiros. (Os oficiais superiores com certeza vão me agradecer muito essa sugestão. . .).

ESPIONAGEM

Decorrido certo tempo, coube-me a tarefa de fazer serviço secreto em países estrangeiros, e minha experiência em representar, disfarçar-me e enganar o próximo, foi-me de grande auxílio. No meu livro "As aventuras de um espião", pormenorizo alguns incidentes desse trabalho, muitos dos quais deveram seu êxito à minha capacidade de disfarçar-me pela maneira de vestir, por pequenos maneirismos e assim por diante.

É claro que tinha que variar meu aspecto de acordo com as circunstâncias locais, mas, geralmente, a atitude que mais rendia, era a de uma excessiva estupidez. Muitas vezes era um sofrimento verdadeiro ter que reprimir o riso triunfante que borbilhava dentro de mim, e não demonstrar o que estava sentido nem sequer por um lampejo do olhar, quando por exemplo, um oficial inimigo estivesse procurando me fazer entender, por todos os meios, justamente os planos estratégicos secretos que tinha vindo buscar; quando mais "bobo" me

mostrava, mais insistente ele se tornava em me fazer compreender os detalhes. O menor interesse que eu demonstrasse teria despertado sua desconfiança; por outro lado, uma indiferença total faria com que ele desanimasse. Uma tenue linha, entre as duas atitudes, tinha de ser seguida e só era possível isso por meio de cuidadosa dissimulação e muita finura. Era delicioso.

ESPALHANDO ALEGRIA

Há ainda outra alegria que é proporcionada pelas representações, alegria que me foi revelada por meu Coronel, Sir Baker Rossell; é o prazer de alegrar os outros. É um esporte tão divertido quanto os demais, especialmente quando acontece que a ameaça de epidemias de cólera ou de tifo pesa sobre os homens, trazendo o temor da morte.

Um dos grandes sucessos em Malta foi o caso da "Cataplasma". Certa ocasião fazia eu parte da chefia da Guarnição da Ilha, e minha intenção era arranjar um local de diversões para soldados, que fosse o mais diferente possível de uma caserna.

Apoderamo-nos de um grande hospital vazio abandonado e o transformamos num clube realmente apresentável, com seu teatro, sua sala de danças, seu bilhar, suas salas de leitura e estudo, seu ginásio, seu restaurante e casa de chá (onde era permitido servir vinhos, cerveja e licores) seus banheiros e mais ou menos quarenta quartos.

Um pavilhão à parte foi transformado num clube para as esposas dos soldados e crianças, onde podiam descansar e fazer pequenas refeições.

O empreendimento deu lucros imediatos, não só sob o ponto de vista financeiro, mas também sob o ponto de vista do moral da guarnição. Os próprios homens o administravam, por meio de funcionários escolhidos diariamente entre eles e que eram responsáveis pela boa ordem do local.

Alguns protestos todavia surgiram contra o clube, alguns por parte dos proprietários dos botequins locais (o que consideramos precioso elogio) mas também por parte de alguns dos capelães do Exército. Resolvi pois reuni-los para ouvir suas razões.

Sua maior objeção era que o clube se situava na pior zona da

cidade entre botequins e casas de má reputação.

Inocentemente perguntei-lhes: “Digam-me uma coisa, quando há inflamação, onde é que os senhores colocariam a cataplasma?”

Houve uma pausa, perceberam o alcance da pergunta e a nuvem se dissipou por entre risadas. Desde aí resolveram apoiar com entusiasmo o projeto.

O nome, porém, pegou e o meu lindo clube passou a ser conhecido como “A Cataplasma”.

ENTRE ATORES

Tendo sido companheiro de escola de tantos atores, formei muitas amizades entre eles, frequentando sua roda agradável.

Entre outras coisas, fui há alguns anos padrinho de casamento de Cyril Maude, o que não deixou de ser amável de minha parte, considerando que ele costumava espalhar a seguinte história sobre a minha pessoa: certa vez ao entrar num exame de religião, foi-me perguntado: “O que disse Elias ao ver Jeová subir num carro de fogo?” Respondi “Nunca vi coisa igual”. Ainda hoje tenho minhas desconfianças de que Elias deve ter dito algo de parecido mesmo, mas minha resposta não foi julgada correta pelo examinador.

Certa vez fui convidado para almoçar em casa do Squire Bancroft e quando cheguei à porta, já aí encontrei, tocando a campainha, uma senhora de minhas relações. Perguntei-lhe o que a trazia ali e respondeu-me que ia almoçar com os Bancroft.

“Por favor, leve-me consigo e me apresente”, supliquei-lhe.

“Desculpe-me, mas não posso fazer isso. Vou almoçar com eles” respondeu-me ela.

Mas eu insisti e quando a porta se abriu, entrei com ela. Ela protestou, mas eu não desisti. Segui-a escadas acima, embora ela me implorasse aflita que não fizesse isso. Entrou na sala estourando de raiva, mas não pode deixar de cair na gargalhada, aliviada, ao perceber que eu era, como ela, convidado para o almoço.

Numa das alegres ceias dadas por Beerbohm Tree, colocou-me ele na mesa ao lado de Nat Goodwin, ator americano, dizendo-me: “Vai achá-lo muito divertido”.

Mas Nat permaneceu em silêncio durante algum tempo e eu comecei a achá-lo bem sem graça. De repente virou-se para mim e disse: "Você já viu um balão subir?"

"Já"

"Mas será que já presenciou uma subida quando estivesse com um "torcicolo"?"

"Pois bem, eu já". E prosseguiu dando-nos uma alegre descrição de como assistira à ascensão do balão pelos olhos dos demais espectadores, por não poder levantar a cabeça para olhar, e tendo que julgar o caráter das pessoas pelos seus pés e sapatos, antes de fazer-lhes perguntas sobre a situação do balão.

Na mesma ocasião Weedon Grossmith brindou-nos com um recitativo comovente sobre a entrada de soldados para a guerra. Despertou nosso fervor patriótico, levou-nos com eles aos campos de batalha, emocionou-nos profunda e pateticamente, provocando uma unânime explosão de entusiasmo — e tudo sem pronunciar duas palavras coerentes. Não, não quero dizer que Weedon tivesse bebido; nada disso. Ele meramente imitou a articulação pedante e a entonação de um declamador exagerado.

O falecido Sir Herbert Tree contou-me que certa vez deparou com uma das filhas, que fazia doze anos, vestida de menino. Ao ser-lhe pedida uma explicação, respondeu: "Estou estudando história, e escolhi três personagens de cada sexo para analisar. Descobri que as mulheres não prestam, mas que os homens são formidáveis. De hoje em diante não vou mais ser mulher. Vou ser homem."

Seu pai mansamente perguntou-lhe que homem em particular a tinha levado a essa resolução absurda.

Ela deu como exemplo Ricardo Coração-de-Leão, com suas virtudes de cavaleiro e mencionou as qualidades de Saul, concluindo: "E depois tem você, Papai". Foi o bastante, Sir Herbert capitulou. "Mas onde conseguiu as roupas de rapaz?" — Bem, comprei-as do vizinho do lado, Linhy Smils. Ele caiu com escarlatina e não vai precisar delas enquanto estiver de cama. . ."

DESENHO

Imagino que o desejo de se expressar por meio de alguma forma de arte é comum a todo ser humano, seja pela literatura, pela música, pelo desenho ou pela escultura.

Quanto a mim, tenho me divertido muito através de experiências elementares com quase todas essas formas de arte.

Gosto de tentar desenhar. Para mim é uma aventura empolgante, pois nunca sei o que vai resultar da tentativa.

Não aprendi desenho na escola pois figurava entre as matérias extraordinárias e não estava ao alcance de meus recursos. Mas procurei aprender sozinho pelo estudo e cópia de quadros; e pela observação da maneira pela qual o artista obtinha o efeito que desejava. Até dos desenhos primitivos das cavernas aproveitei idéias, pois embora toscos e singelos transmitem num grau extraordinário a idéia de vida e movimento.

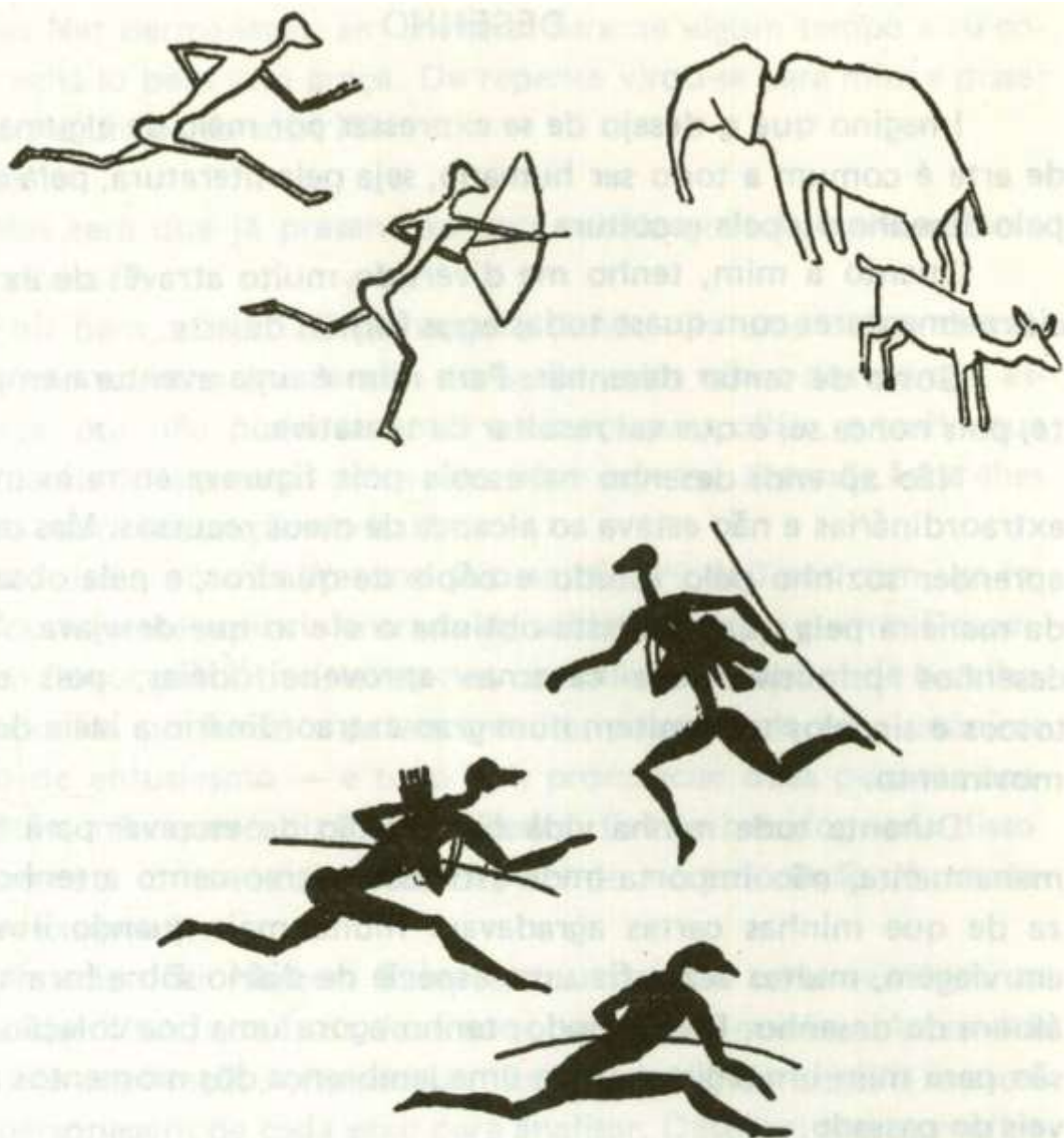
Durante toda minha vida fiz questão de escrever para casa semanalmente, não importa onde estivesse no momento e tenho certeza de que minhas cartas agradavam muito mais quando ilustradas; em viagem, muitas vezes fiz uma espécie de diário sob a forma de um álbum de desenho. Desse modo, tenho agora uma boa coleção deles e são para mim um registro útil e uma lembrança dos momentos agradáveis do passado.

Seriam bem melhores os meus desenhos se eu fizesse um curso, mas não disponho de tempo para isso.

Entretanto sempre tive alguma prática, pois o "London Sketch Club" elegeu-me sócio honorário. Foi há muito tempo e acabaram transformando-me em sócio efetivo; ao frequentar as reuniões noturnas das sextas-feiras, recebi a mais cordial ajuda e crítica por parte dos artistas e também tive o privilégio inestimável de vê-las trabalhar e de analisar seus métodos.

Entre os sócios figuravam John Hassall, Dudley Hardy, Lawson Wood, Reath Robinson, Harry Rowntree, Star Wood, René Bull, F. Shepard e muitos outros.

Que turma inteligente, brilhante, jovial, ainda hoje em forma, benza-o Deus.



Desenho primitivos dão a impressão de movimento e da vida.

Meu desenho, assim mesmo como é, além de ser um registro de minhas atividades e viagens e me dar algum dinheiro, ensinou-me a distinguir aspectos bonitos da Natureza que, de outro modo, teriam escapado à minha percepção.

Logo depois de minha chegada à Índia o "Graphic" propôs comprar-me esboços de aspectos interessantes da frente de luta; que resolvi aceitar e para minha surpresa e satisfação fiz jus, de saída, a um cheque de seis guinéus.

Claro que não demorei em fornecer outros desenhos e foi o começo de longas e felizes relações com aquele diário. Proporcionou-me esse fato o contato pessoal e a amizade de Carmichael Tho-

mas, o então proprietário e redator; proporcionou-me também um aumento muito útil de meus parcos vencimentos de oficial subalterno e eventualmente permitiu-me participar do jogo de polo e da caça ao javalí, o que teria sido impossível de outra forma.

SIR HENRY JOHNSTON

Era colaborador do jornal, da mesma ocasião, Sir Harry Johnston, cujos desenhos o Sr. Thomas tinha na mais alta conta. Sir Harry era um homem das mais diversas aptidões, um verdadeiro "Admirable Chriton", pois além de sua fama de explorador e administrador, era conhecido pela sua elegância, pelas suas pesquisas religiosas, pelos seus conhecimentos de naturalista e por seu talento de artista realista. Seus quadros se distinguiam não só pelo colorido e excelente desenho, mas também pela justeza extraordinária de detalhes. Um dos seus melhores desenhos mostra um guerreiro da tribo Masai, morto num campo de batalha. Para conseguir o efeito exato, convenceu um Masai que se deitasse no chão como morto e para aumentar o realismo do quadro molhou-lhe ainda, com um galão de sangue de carneiro.

Quando estava absorvido, desenhando, uma delegação de chefes da tribo se fez anunciar e sem maiores cerimônias foi entrando pelo estúdio a dentro. A pavorosa cena com que depararam deu-lhes tremendo choque e fugiram em todas as direções, espalhando a notícia de que quando o "chefão baixinho" desejava pintar um homem morto, prontamente, matava o primeiro que aparecesse à sua frente.

Outro valor que tem para mim o desenho é que quadros de toda espécie me interessam e me trariam mais prazer do que trariam se eu não desenhasse, e assim aprecio melhor a inspiração e a mensagem que encerram.

Desenhar, nesses dias de pressa, barulho e materialismo, tem ainda a vantagem de tirar-nos do ruído e agitação dos locais muito frequentados e de levar-nos para uma atmosfera de sossego junto à Natureza, mergulhando-nos nas belezas e maravilhas que Deus espalhou, para nosso gozo.

ESCULTURA

Até escultura tentei fazer. Quando estava em meu posto em Malta, há muitos anos, certo escultor por lá, apareceu vindo da Itália para trabalhar num monumento, na Catedral e permitiu que eu o observasse, enquanto esculpia.

Um dia cheguei ao estúdio antes dele e para passar o tempo peguei um pedaço de argila e dei-lhe a forma da cabeça e ombros de um marinheiro fumando seu cachimbo. Prendi a peça na parede, para divertimento dos seus dois ou três aprendizes.

Quando chegou, perguntou quem fizera o trabalho e convidou-me imediatamente para vir no dia seguinte, e começar a copiar modelos vivos.

Um negro meio cego da Núbia foi o primeiro e patético modelo vivo que ele conseguiu para mim. Tinha feições bem marcadas que facilitavam bastante o trabalho de copiá-las. Por incrível que pareça o pedaço do busto que esculpi saiu bom, tanto que ao ser exposto, mais tarde, recebeu menções elogiosas dos críticos.

CAPITÃO JOHN SMITH

É claro que esse fato encheu-me de ardor e entusiasmo; de volta a Inglaterra, escolhi um tema mais ambicioso, em outras palavras, decidi esculpir um busto do Capitão John Smith, da Virgínia, que eu muito admirava.

Não tinha dinheiro bastante para contratar modelos vivos, nem tampouco tempo, para me dedicar à arte durante o dia, de modo que o remédio era esculpir na hora de dormir.

Um espelho de barbear de três faces, permitiu-me utilizar como modelo minha própria cabeça, orelhas e nuca. As feições fiz de imaginação, procurando indicar por meio delas os traços diversos do caráter forte de John Smith.

Foi ele soldado de certo renome e navegador de grande experiência, bem como geógrafo e governador dos tempos coloniais.

Lutou com notável bravura contra os turcos, no exército de Sigismund, onde, tendo derrotado em combate individual três dos maiores campeões inimigos, foi-lhe dada permissão de incluir no seu brasão três cabeças decapitadas de turco.

Mais tarde foi-lhe dado o comando de três navios para explorar as costas da América. Entretanto, achando ele que não serviam para aquele fim, resolveu a questão de forma simples: dirigiu-se à França e capturou três navios maiores, depois de dar-lhes combate.

Levou então um grupo de colonos para a Virgínia e estabeleceu-os perto do Rio James.

Certa vez resolveu explorar por conta própria, os arredores e ao mesmo tempo caçar patos selvagens. Levou consigo um índio para servir de guia e para que não fugisse no caminho amarrou-se a ele por meio de uma liga.

Foram atacados no caminho por índios hostis, e procurando fugir, o guia caiu num pântano, arrastando John Smith com ele. O Capitão foi levado à presença do Cacique Powhattan e só se salvou porque a filha do Cacique, Pocahontas, intercedeu por ele.

Mais tarde ficaram amigos. Pocahontas converteu-se ao cristianismo e casou-se com Rolfe, rapaz de uma velha família de Norfolk, que era lugar-tenente de John Smith.

Algum tempo depois Smith acidentou-se numa explosão e regressou à Inglaterra, onde resistiu ainda alguns anos, sem ter, jamais, se curado dos ferimentos recebidos.



Esquema do busto do capitão John Smith.

Mas até o fim da vida foi o mais alegre dos mortais e certa vez, ao ditar sua autobiografia, riu-se tanto ao lembrar alguns de seus piores infortúnios, que seu secretário mal pode registrá-los.

Tentar exprimir algo dessa personalidade foi trabalho interessante que felizmente saiu tão bom que mandei reproduzi-lo em bronze.

Pouco tempo depois convidaram-me a participar de uma exposição de trabalhos de oficiais da Marinha e do Exército e é claro que mandei o velho John Smith. O dono da galeria de arte, em vez de expor a cabeça, achou que ela merecia coisa melhor e mandou-a para a Academia Real, que aquele dia estava recebendo esculturas. Para meu espanto o busto foi aceito.

Outra bomba em minha vida!

Pode parecer que nada mais poderia deter minha carreira de escultor, mas o exército justo naquele momento exigiu todo o meu tempo e tive de parar.

Refletindo mais, achei que talvez fosse melhor não abusar da sorte e decidi descansar sobre os louros. E é o que venho fazendo até hoje, excetuando-se duas ou três pequenas estatuetas que esculpi.

Mas que tem tudo isso a ver com o escotismo?

Simplesmente isso: se você começar a modelar cabeças verá que adquiriu outro ponto de vista. Observará muito mais do que antes o ângulo da cabeça em relação ao pescoço, as feições e a expressão de todo mundo que encontrar. É automático. Seus dedos sentem coceiras de vontade de pegar na argila e modelar aquele nariz ou aquela testa. E assim você se lembrará das pessoas depois de vê-las uma só vez e isso é uma aptidão valiosa para um detetive ou um escoteiro.

Se você souber modelar a cabeça ou a silhueta de uma pessoa, será muito mais fácil fazer sua caricatura. Naquela hora deliciosa entre o chá e o jantar, depois de um dia entregue a uma boa caça a raposa, muitas foram as estatuetas caricatas que modelei de meus companheiros de jornada.

DANÇAS

Tenho firme fé na dança e sempre acreditei que a facilidade relativa com que distanciei mais tarde os guerreiros matabeles que me

perseguiam sobre as colinas rochosas de Matopo, na Rodésia, deveu-se à ter-me eu exercitado bastante aprendendo a dançar.

Deu-me a dança equilíbrio e controle dos pés e pernas de forma que pude pular levemente de rocha em rocha, enquanto os Matabeles, homens da planície e pouco acostumados àquele terreno, subiam pesadamente atrás de mim.

De forma que até a dança foi assim de utilidade para o preparo do escotismo.

MÚSICA INSTRUMENTAL NA ESCOLA

Em Charterhouse, ingressei no corpo de cadetes como corneteiro; tocava também o corne inglês na banda, e violino na orquestra.

Tínhamos um bom sistema de rodízio, de maneira a permitir que todos regessem por sua vez a orquestra.

Dois bons resultados adviram dessa educação musical, quando mais tarde ingressei no Exército.

Fui feito presidente da Banda de Música e sem dúvida alguma transformei num inferno a vida do seu maestro. De qualquer forma porém havia a vantagem de poder substituí-lo na regência quando saia de férias.

O fato de ter sido corneteiro também me auxiliou, pois podia eu mesmo dar os toques, de comando, na hora, sem ter que chamar o corneteiro e explicar-lhe o que eu queria. É possível que alguns de vocês estejam pensando que neste livro continuo a tocar trombeta em meu próprio louvor. . .

Foi assim que meus conhecimentos de música, ainda que elementares, tiveram sua utilidade mais tarde, em minha carreira militar.

Capítulo III - Minha vida número dois – os escoteiros e as guias

CAPÍTULO III

MINHA VIDA NÚMERO DOIS – OS ESCOTEIROS E AS GUIAS

Então comecei minha segunda vida.

Deixei definitivamente o Exército em 1910 e tratei de me ocupar exclusivamente do Movimento Escoteiro que estava se firmando por toda parte.

A tarefa de levá-lo avante prometia ser a mais importante de minha vida, embora facilitada pelo entusiasmo de todas as pessoas ligadas a ela.

Em 1912 tudo ia bem, quando uma nova espécie de bomba de repente me atingiu em cheio!

A CORDA NO PESCOÇO

Durante minha primeira vida eu andara sempre ocupadíssimo, sem calma para pensar em casamento; meu melhor amigo, “Ginger” Gordon do 15^o dos Hussardos, protestava sempre que eu dizia ser um celibatário inveterado; quando eu declarava que não queira me casar e que tinha certeza de que ninguém gostaria de se casar comigo, ele me olhava com ar de sabedoria e dizia rindo, como quem conhece o assunto: “Como os outros, meu caro, um dia desses, quando você menos espera, a coisa acontece”.

E com efeito, aconteceu mesmo. Vou comentar.

Sempre tive o hábito de deduzir o caráter de uma pessoa pelas suas pegadas e pelo seu modo de caminhar. Qualquer pessoa habituada a seguir uma pista sabe ler o caráter e deduzir as ações ou as intenções de uma pessoa pelas suas pegadas: Pé espalhado pressupõe um mentiroso por exemplo; pisar mais forte com o lado externo do pé quer dizer espírito aventureiro e assim por diante.

Nessa pesquisa, cheguei à conclusão de que 46% das mulheres demonstram espírito aventureiro com o pé esquerdo e indecisão com o pé direito, portanto, sujeitas a agir impulsivamente.

Sendo assim, qualquer exceção que encontrava, naturalmente, prendia minha atenção.

Uma dessas exceções se apresentou quando reparei numa moça — totalmente desconhecida para mim e cujo rosto não cheguei a ver — cujo pisar demonstrava honestidade de propósitos, bom senso e espírito de aventura. Reparei que levava consigo um cãozinho “spaniel”.

Isso aconteceu um dia quando eu ainda estava no Exército e me dirigia para a caserna em Knightsbridge. Não pensei mais no caso.

Dois anos mais tarde, a bordo de um vapor que me levava para as Antilhas, reconheci o mesmo andar numa companheira de bordo. Ao ser apresentado a ela, disse-lhe que tinha certeza de que morava em Londres. Engano, minha dedução estava errada. Ela morava em Dorsetshire!

“Mas a senhorita não tem um “spaniel” castanho?”

“Tenho”. Olhando-me surpreendida.

“Nunca esteve com ele em Londres? Perto da caserna de Knightsbridge?”

“Sim, há dois anos”.

E assim nos casamos e vivemos sempre felizes.

Começou aí minha segunda vida e com ela os Escoteiros e Guias.

ORIGEM DOS ESCOTEIROS E GUIAS

A fama que adquiri sem querer na Guerra dos Boers deu-me muito que pensar. Foi imerecida e gratuita e deveu-se em grande parte à falta de equilíbrio na apreciação dos fatos.

Seria possível que houvesse nisso um significado maior? Teria sido como um chamamento? Poderia ser essa fama utilizada para o bem? Nesse caso, como? Foram essas as perguntas que me assaltaram e que começaram a ter resposta quando eu ainda me encontrava na África do Sul no período entre 1901 e 1903. Recebi muitas cartas de rapazes e moças de toda a parte. Tinha eu de alguma forma captado seus interesses e, sem querer, estava estabelecendo relações pessoais com a juventude.

Lord Allenby surpreendeu-se certo dia ao ver seu filhinho subir em uma árvore com a governanta para armar-lhe uma emboscada.

A moça explicou-lhe que viera de uma instituição dirigida por uma certa Srta. Mason, que empregava na educação dos alunos meu livrinho destinado a soldados: "Auxílio ao Escotismo". Por meio dele adestrava-os na observação e dedução.

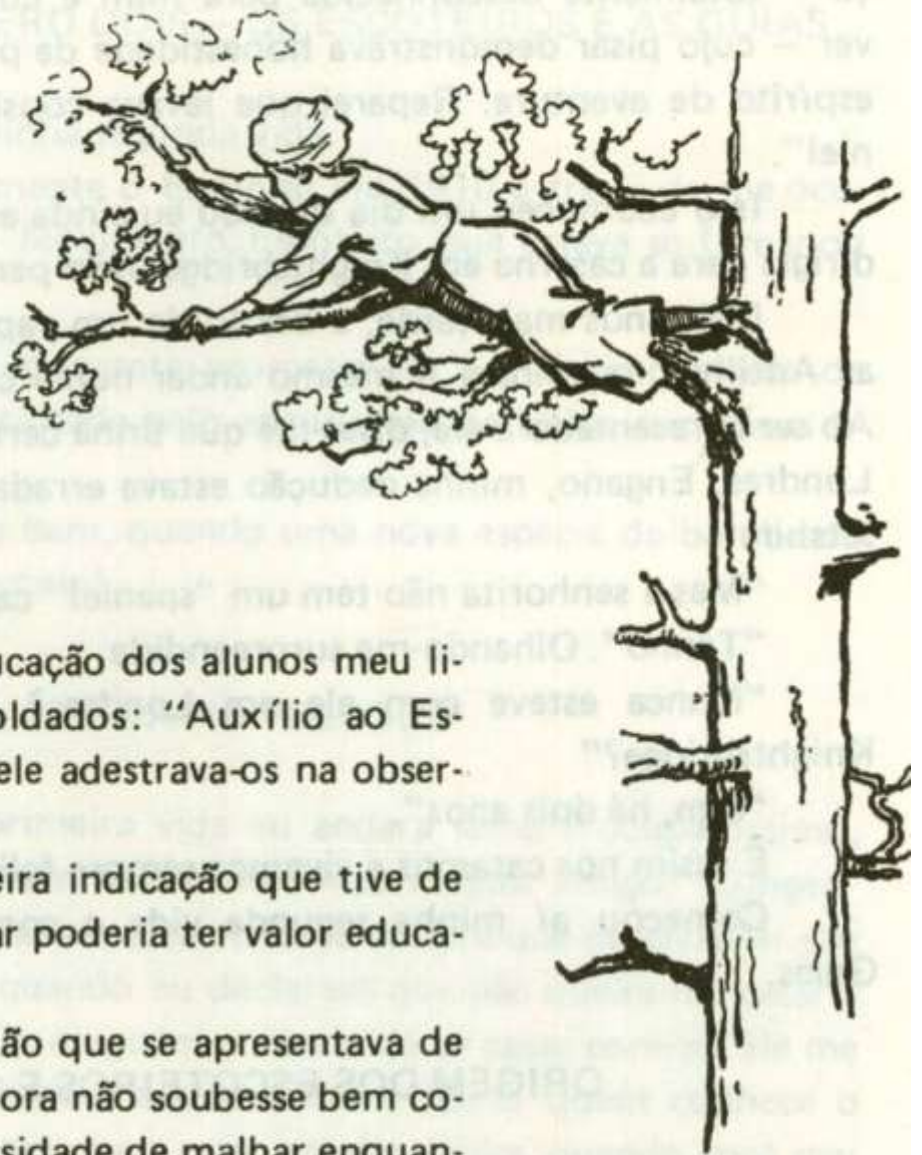
Foi essa a primeira indicação que tive de que o escotismo militar poderia ter valor educacional.

Era pois a ocasião que se apresentava de ajudar aos jovens, embora não soubesse bem como e houvesse a necessidade de malhar enquanto o ferro estivesse quente.

Assim, às inúmeras perguntas que me faziam e aos apelos de sociedades de meninos que me pediam uma "mensagem", respondia com os conselhos e sugestões que me permitiam meus afazeres na África que na época eram grandes. Eram geralmente calcados em estórias de escoteiros e mateiros, grandes heróis da criançada.

Assim sobre o fumo, por exemplo, escrevi:

"Um escoteiro, ou qualquer homem cuja vida dependa diretamente do equilíbrio dos nervos, de bom fôlego e da acuidade da vista e do olfato, não vai se meter a fumar, porque sabe seus efeitos prejudiciais. É por isso que o grande escoteiro americano Major Burnham não fuma, nem o grande caçador africano F. C. Seous.



Ele encontrou a governanta empoleirada sobre a árvore. . .

O fumo prejudica mais aos jovens do que aos velhos. Portanto um menino, a menos que seja bobo, evitará o fumo, pois não sabe quando será chamado a um trabalho que exige bons nervos e idéias claras."

Escrevi dezenas de cartas nesse gênero sobre fumo e outros assuntos a meninos que me pediam conselhos. Esse fato convenceu-me que a juventude necessitava de uma liderança disponível e que a aceitariam de bom grado.

De forma que, no final das contas, foi a juventude que me deu a idéia, fazendo-me desistir de minha vida de soldado para iniciar outra bem diferente em 1910.

NECESSIDADE NACIONAL DE DESENVOLVER O CARÁTER

Lidei com centenas de jovens recrutas quando fui ajudante de ordens e comandante. Eram produtos típicos da educação média de nossas escolas.

A educação só pode ser medida pelos seus resultados e nunca pelos seus métodos, por excelentes que possam ser.

Esse ponto fica muitas vezes esquecido.

Os resultados que constatei mostravam-me jovens simpáticos, que sabiam ler e escrever, bem comportados na sua maioria e sabendo aceitar uma disciplina. Tornavam-se com facilidade soldados apresentáveis em paradas. Porém não tinham individualidade ou força de caráter; eram completamente sem iniciativa, imaginação ou disposição para aventura.

As condições artificiais da vida moderna estavam fazendo deles um mero rebanho, onde recebiam tudo mastigado e onde se guiavam em primeiro lugar pela idéia da segurança.

Estou falando, não esqueçam, das condições reinantes no princípio do século. Podemos esperar que desde então os métodos de educação tenham melhorado e que hoje se pense menos em preparar jovens para passar em exames e mais em torná-los capazes de utilizar o melhor possível suas vidas como cidadãos conscientes.

Porém a educação enfrenta novas dificuldades hoje em dia, por causa do exagerado instinto gregário, de ensinamentos indesejáveis, de

uma imprensa sensacionalista, de cinemas imorais e do fácil acesso a prazeres mórbidos e à jogatina.

Com o aumento atual das cidades, vilas e fábricas, com a multiplicação das grandes rodovias asfaltadas, com o telégrafo, o telefone e a eletricidade espalhados por todo o país, o que nós chamamos de "civilização" vem empurrando o homem para longe da Natureza, que fica cada vez mais inacessível à maioria das pessoas.

Assim a percepção da beleza e da maravilha da criação, cada vez se perde mais no materialismo da vida gregária, com suas tristes condições de trabalho e agitada busca do prazer num cenário árido de tijolos e argamassa.

O artificial parece estar substituindo o natural em nossas vidas, graças aos automóveis, às bicicletas e aos elevadores. Nossos membros e nossas mentes vão se atrofiando por falta de exercício e nossos filhos terão menos iniciativa e menos músculos do que nós.

O VALOR EDUCACIONAL DO ESCOTISMO NO EXÉRCITO

Bem, ao adestrar nossos rapazes no Exército, tínhamos que remediar alguns desses defeitos de caráter e suprir as omissões pelo desenvolvimento dos vários atributos necessários para transformá-los em HOMENS, com quem se pudesse contar. Tínhamos que desenvolver muitas qualidades não mencionadas nos manuais escolares, tais como: coragem individual, inteligência, iniciativa e espírito de aventura. Conseguimos fazê-lo não pela imposição, mas procurando levá-los de volta à Natureza, à vida primitiva. Aprendiam a seguir uma pista, a conhecer o terreno, a observar de dia e de noite, a esconder-se e surpreender a presa, a improvisar um abrigo e a alimentar-se e sobreviver sem ajuda.

Esse programa provou ser tão atraente para esses jovens que nunca houve falta de voluntários para o treino. Antes disso, muitos rapazes, pela monotonia mortal da vida da caserna, costumavam desertar. Depois, tornou-se realmente rara qualquer deserção.

Os resultados nos mostraram que havíamos conseguido mais do que transformar os homens em bons escoteiros. Constatamos que trabalhavam agora com satisfação e interesse, com segurança, com sen-

timento de responsabilidade e confiança e com outras qualidades que os levavam a um padrão mais elevado de virilidade, respeito próprio e de lealdade.

APLICAÇÃO DO TREINAMENTO ESCOTEIRO À FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

Durante a defesa de Mafeking, Lord Edward Cecil, chefe do meu estado-maior, teve a idéia de empregar os meninos da cidade como mensageiros e ajudantes e assim liberar os soldados disponíveis para guarnecer as trincheiras.

Os rapazes foram agrupados num corpo especial sob o comando de um deles, o Cabo Goodyear e cumpriram seus deveres satisfatoriamente, com grande coragem, mesmo sob o fogo inimigo.

Seu trabalho consciencioso abriu meus olhos para o fato de que, dando-se responsabilidade a meninos e confiando-se neles é possível contar com eles como se fossem homens.

Essa foi uma importante lição para mim.

Em 1904, como resultado desses indícios, fiz um plano para formação de rapazes, que seguia de perto o programa dos exploradores militares.

Em 1905 fui convidado por Sir William Smith para inspecionar a Brigada de Meninos em Glasgow, no seu vigésimo primeiro aniversário de fundação.

Quando vi aquela esplêndida reunião de seis mil rapazes e me contaram a enorme penetração do movimento, meus olhos se abriram para ainda outra característica dos rapazes, em outras palavras, que se seu interesse for captado eles virão aos milhares, entusiástica e voluntariamente receber formação.

Percebi também que centenas de adultos estavam prontos a sacrificar tempo e energia para auxiliar e formar esses rapazes.

Era um fato que nenhuma teoria poderia prever

Quando Sir William me disse que tinha nem mais nem menos do que cinqüenta e quatro mil rapazes na Brigada, felicitei-o pelo magnífico resultado de seu trabalho; mas pensando bem, não pude me furtar à tentação de lhe dizer que, considerando-se o número de rapazes exis-

tentes na Inglaterra, em vinte anos o efetivo deveria ter crescido dez vezes mais. Talvez o programa que lhes era oferecido não fosse suficientemente variado e atraente.

Perguntou-me ele, como seria possível tornar-se o programa mais atraente e contei-lhe então a popularidade do programa éscoteiro entre a rapaziada da Cavalaria e que alguma coisa semelhante poderia ter igualmente atrativo para esses meninos mais moços, enquanto a finalidade do movimento poderia muito bem ser deslocada da guerra para a paz.

O desenvolvimento do caráter, da saúde e da energia eram a base do seu programa e essas qualidades são tão necessárias ao soldado, quanto ao cidadão.

Concordou Sir William cordialmente com a minha idéia e sugeriu que eu escrevesse um livro para rapazes semelhante ao "Auxílio ao Escotismo".

De forma que nas poucas horas vagas que me deixava meu cargo de Inspetor Geral de Cavalaria, comecei a formular minha idéia, pois ali estava um trabalho a minha espera, no qual aquela absurda e detestável notoriedade que eu adquirira em Mafeking poderia dar algum fruto.

Por esse tempo, a sorte, ou o destino se preferem — levaram-me até a casa de Sir Arthur Pearson, e lá tive a oportunidade de descobrir sua modesta bondade e simpatia pela infância e juventude, às quais se juntavam um ardente patriotismo.

Era justo o homem de que eu precisava e confiei-lhe minhas idéias sobre a formação dos rapazes. Ele encorajou-me muito e ofereceu-me a ajuda de seus auxiliares. Entre esses encontrei Sir Percy Everett que desde então vem sendo meu braço direito.

Antes de publicar o livro projetado resolvi organizar um acampamento onde pudesse constatar a validade das idéias.

A Sra. Van Realte colocou à minha disposição sua Ilha de Brownsea, na Bahia de Poole pois eu estava à cata de um lugar isolado para realizar a atividade longe do público e de jornalistas. Contava assim realizar a experiência sem interrupções.

Reuni rapazes de todas as classes e origens. Minhas previsões se realizaram e achei que podia então publicar o "Escotismo para Rapazes".



Transformá-lo num escoteiro.

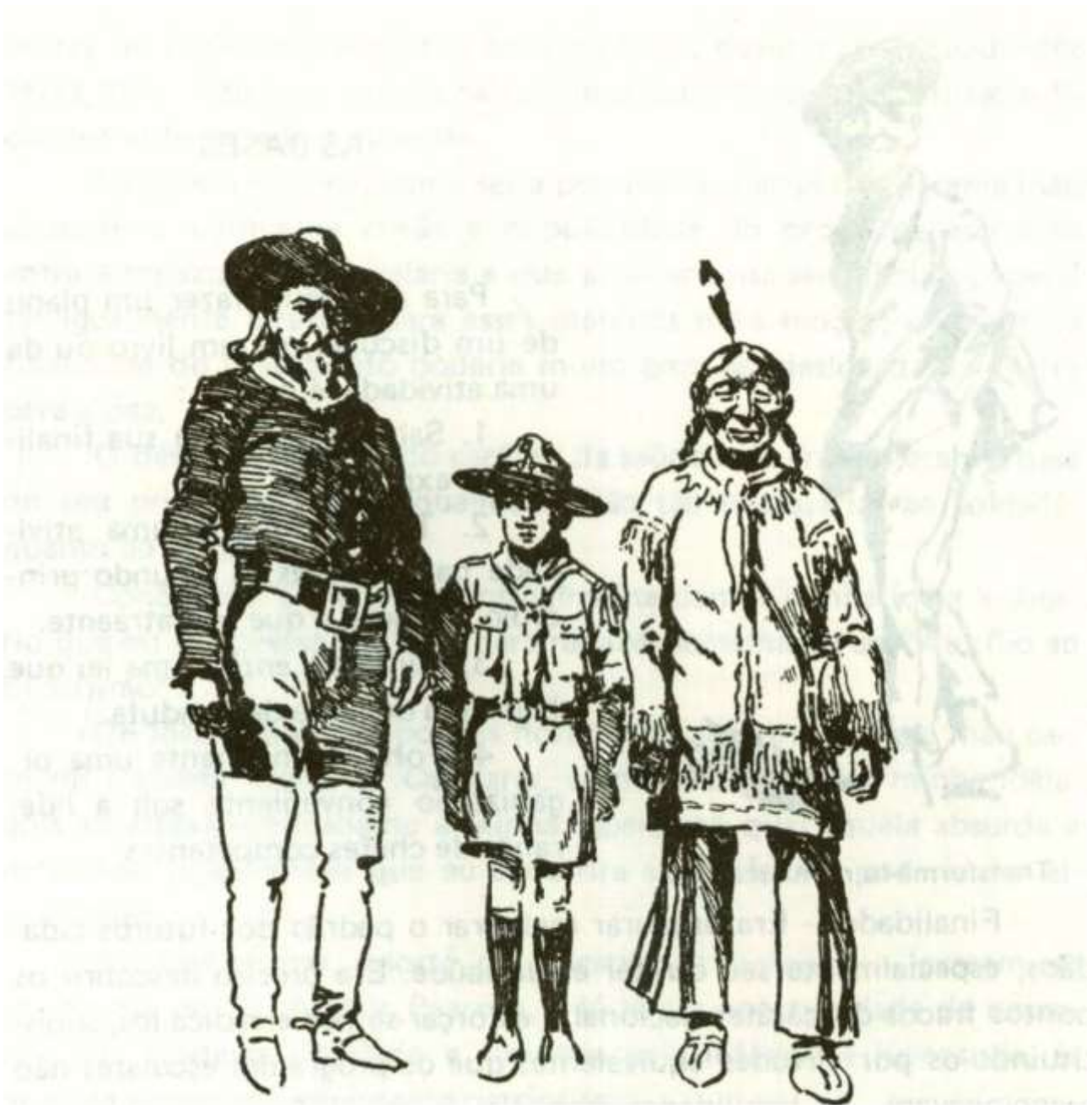
AS BASES

Para conseguir fazer um plano de um discurso, de um livro ou de uma atividade, é preciso:

1. Saber claramente sua finalidade e expressá-la.
2. Tratando-se de uma atividade para rapazes, o segundo princípio essencial é que seja atraente.
3. Formular então uma lei que lhes sirva de linha de conduta.
4. Formar finalmente uma organização conveniente sob a liderança de chefes competentes.

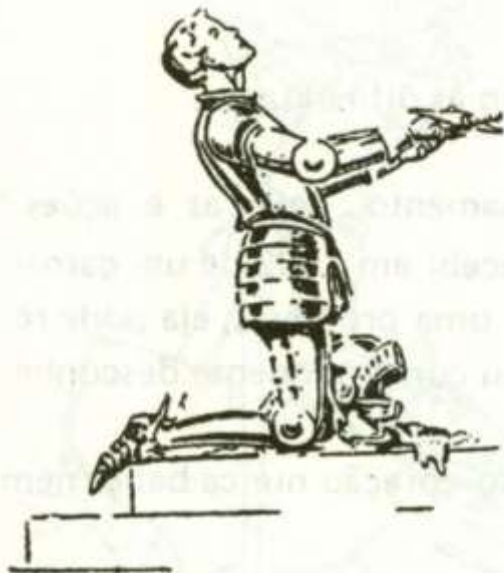
Finalidade — Era procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa.

Atração — O plano estava baseado no princípio do jogo educativo, numa recreação que levava o rapaz à auto-educação. Como chamar o movimento? O nome influi muito. Se tivéssemos adotado a denominação de "Sociedade para a Propagação das Qualidades Morais" (que era de fato), os rapazes não teriam se precipitado para entrar nela... Mas chamá-lo de Escotismo e dar-lhes a oportunidade de se tornar escoteiros em potencial era outra coisa. Seu desejo inato de pertencer a um bando era atendido fazendo-os ingressar numa "tropa" e numa "patrulha". Dar-lhes um uniforme, com distintivos a ganhar mostrando os progressos realizados por seus esforços pessoais e estavam assim, conquistados.



Pioneiros: Buffalo Bill, um Escoteiro e um índio pele-vermelha:
(de uma foto)

Sob o termo escoteiro, os incontáveis exemplos de exploradores, caçadores, marinheiros, aviadores e pioneiros, os homens das florestas selvagens e das fronteiras, poderíamos responder a seu desejo de admirar e imitar seus heróis.



O jovem cavaleiro.

Até o rapaz da cidade poderia aprender a seguir uma pista, a acampar, a cozinhar ao ar livre, a rachar lenha e a se dedicar a outras atividades ao ar livre.

Essas atividades teriam enorme atração para ele e ao mesmo tempo iriam desenvolvendo sua saúde, iniciativa, inteligência, destreza e energia.

A Lei — o romance dos cavaleiros da Idade Média exerce grande sedução sobre os rapazes e influencia seu senso moral. O código dos cavaleiros andantes estabelecia pela honra, a auto-disciplina, a cortesia, a coragem, o despreendimento na busca do dever, o serviço ao próximo, tendo como guia a religião.

Esses atributos e ainda outros seriam aceitos sem dificuldade se reunidos numa Lei.

A LEI ESCOTEIRA

A Lei Escoteira não foi elaborada numa base negativa. As proibições geralmente incitam à desobediência, como desafio ao espírito de independência de qualquer menino (ou homem) que se preze. Não se governa um rapaz a custa de dizer “não faça” mas é fácil levá-lo pela mão dizendo “faça”. A Lei Escoteira, portanto foi imaginada para servir de guia às suas ações, mais do que de repressão às suas faltas. É simplesmente uma declaração do que se espera de um escoteiro:

1. Pode-se confiar na honra de um Escoteiro.
2. O Escoteiro é leal.
3. É dever do Escoteiro servir ao próximo.
4. O Escoteiro é amigo de todos.
5. O Escoteiro é cortês.

6. O Escoteiro é amigo dos animais.

7. O Escoteiro obedece as ordens.

8. O Escoteiro sorri e assobia em meio às dificuldades.

9. O Escoteiro é econômico.

10. O Escoteiro é limpo de pensamento, palavras e ações.*

A Promessa – Por uma carta que recebi em 1902 de um garotinho percebi que para um menino que fez uma promessa, ela pode representar muita coisa (Será que aquele meu correspondente desconhecido ainda é deste mundo?).

Escreveu ele – “Prometo-lhe de todo coração nunca beber nem fumar.

Que o senhor seja sempre um bravo soldado e eu também serei. Afetuosamente, H.V... Halifax V.S...”

Assim estabeleci aos escoteiros uma Promessa solene, mais fácil de cumprir que um juramento, na qual ele se compromete:

Prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para:

1. Cumprir meus deveres para com Deus e o Rei (Não ser apenas leal, pois isso implica somente em um estado de espírito, mas fazer alguma coisa),

2. Fazer todos os dias uma boa ação (quer dizer um dever para com o próximo),

3. Obedecer a Lei Escoteira.

ESCOTEIROS DO MAR

Fui educado na minha meninice por meus irmãos em meio aos mais variados trabalhos a bordo de barcos e iates que passavam por nossas mãos. Sabia pois do extraordinário valor desse treinamento, que desenvolvia muitas qualidades impossíveis de se alcançar, tão facilmente em terra.

* No Brasil, a Lei Escoteira tem o texto um pouco diferente. (N.T.)



Um Escoteiro do Mar

Além da boa saúde que a vida no mar proporciona, ela familiariza o rapaz com perigos e intempéries inevitáveis, exigindo dele coragem, cautela, disciplina, segurança e iniciativa. Tudo isso tende a fazer dele um homem.

Nestes dias que vivemos em que a moda é "paparicar" os rapazes e habituá-los a procurar primeiro o conforto, o Escotismo do Mar pode proporcionar um pouco da resistência tão necessária ao homem moderno.

Instituímos assim a modalidade dos Escoteiros do Mar, que cinco anos mais tarde, quando o país entrou em guerra, demonstrou sua grande utilidade.

Nosso movimento pôde atender ao apelo do Governo e se encarregar da vigilância das costas, liberando os homens adultos para o serviço ativo em alto mar.

Organização — No começo os escoteiros foram agrupados em tropas de mais ou menos 32 rapazes, subdivididas em patrulhas de 8.

Passados alguns anos resolvemos, por razões psicológicas, dividi-las em três ramos:

Lobinhos, de 8 a 11 anos, em Alcatéias compostas de Matilhas com seu chefe.

Escoteiros, de 12 a 17* anos em Tropas compostas de Patrulhas de seis a oito rapazes, sob o comando de um deles.

Pioneiros, a partir de 17 anos e meio, Clãs subdivididos em equipes com seus líderes.

* No Brasil, essa faixa etária está dividida em escoteiros/escoteiras de 11 a 14 anos e seniores/guias escoteiras de 14 a 17 anos.

As três seções formam um Grupo sob a direção de um Chefe de Grupo. O efetivo numa Tropa não deve exceder de 32. Sugerir esse número porque ao me ocupar eu mesmo do treinamento de meninos, descobri que 16 era o número máximo que conseguia atingir para desenvolver o caráter individual de cada um. Admito que outros possam ter o dobro de minha capacidade, daí o limite de 32 rapazes.

ANÁLISE DO ESQUEMA DE TREINAMENTO ESCOTEIRO

1. CARÁTER E INTELIGÊNCIA

Qualidades a

desenvolver:

Intelectuais:

Observação

Dedução

Cívicas:

Honestidade

Disciplina

Liderança

Responsabilidade

Respeito para com

o direito alheio

Moral:

Honra

Cavalheirismo

Confiança em si

através:

Vida em equipe

pistas

vida ao ar livre

jogos de equipe

trabalho de patrulha

corde de honra

Lei Escoteira

atividades e

trabalho escoteiro



1. CARÁTER E INTELIGÊNCIA

Qualidades a desenvolver:

Morais:

Coragem

Capacidade de aproveitar e gostar da vida

Expressão artística

Elevação do pensamento

Religião

2. SAÚDE E VIGOR

Qualidades a desenvolver:

Saúde

Vigor

através:

apreciação da natureza
conhecimento e estudo da natureza
astronomia, etc

respeito aos animais
serviço ao próximo

através:

Responsabilidade pela própria saúde
higiene
continência
temperança
campismo
desenvolvimento físico
jogos
natação
excursões a pé
Escaladas

Atividades naturais

As qualidades individuais tendo sido assim desenvolvidas são então aplicadas no bem da comunidade.

3. DESTREZA E HABILIDADES MANUAIS

Qualidades a desenvolver:

Habilidade manual
Destreza

através:

passatempos
prediletos
(hobbies)

Técnicas
Criatividade

etapas de
proficiência
recompensas por meio de
distintivos de mais de 60
especialidades

Além de levar à eficiência e ocupação das horas de lazer essa ação leva à descoberta da vocação profissional.

4. CIDADANIA E ESPÍRITO DE SERVIÇO

Qualidades a desenvolver:

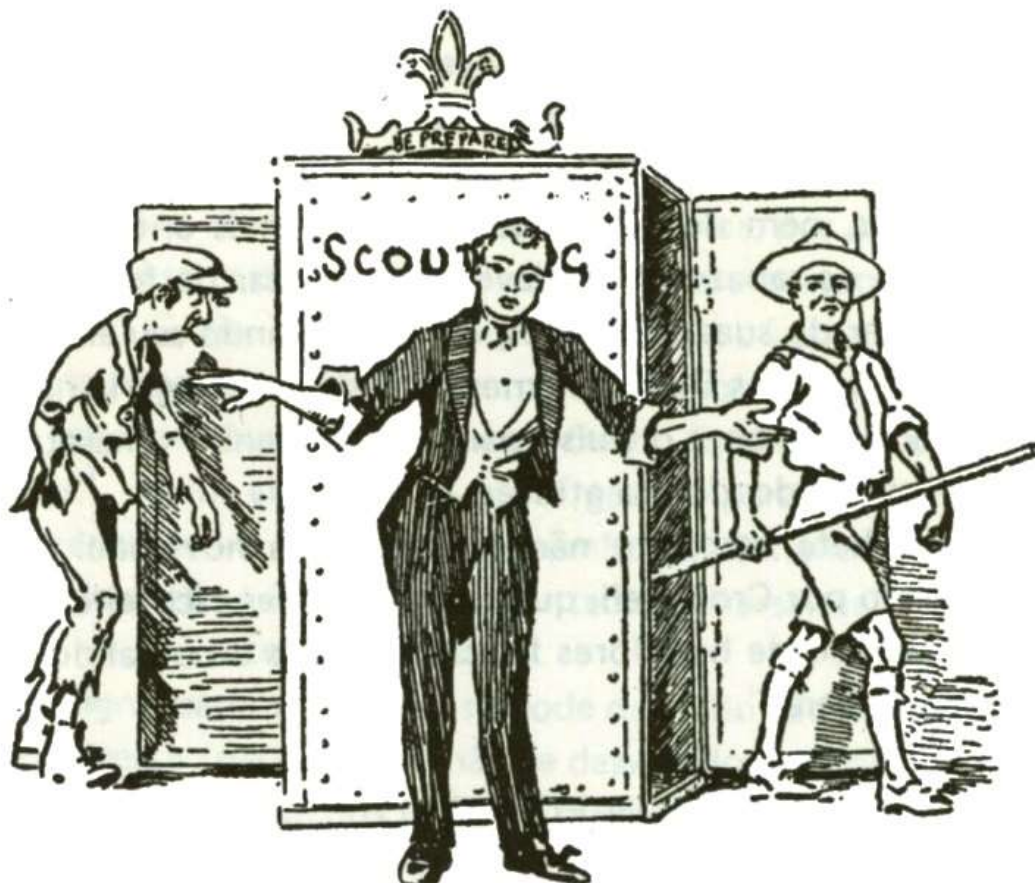
generosidade
civismo

através:

boas ações
primeiros
socorros

patriotismo
serviço ao país
serviço à
humanidade
serviço a
Deus

salvamentos
serviço de
bombeiro
socorro em caso de
acidentes
auxílio a hospitais
trabalho
missionário



O passe da mágica do instrutor.

O CHEFE ESCOTEIRO

A idéia do Escotismo parecia estar definida quanto ao rapaz, porém por mais entusiasmado que ele fosse e deseioso de praticar o escotismo, havia ainda a questão importantíssima do líder adulto indispensáveis a sua organização prática.

Os próprios jovens resolveram quase que completamente a questão. Tiveram o bom senso de perceber a necessidade de chefes adultos e passaram a percorrer as redondezas de suas casas até encontrarem adultos que quisessem ser chefes.

Eu havia visto pessoalmente o esplêndido trabalho voluntário dos chefes da Brigada de Meninos e assim compreendi que havia entre nossa população um número considerável de homens patriotas que estariam prontos a sacrificar seu tempo e divertimentos para assumir essa tarefa.

Porém realmente não previ que correspondessem tão espetacularmente ao apelo do Movimento Escoteiro. A eles se deve o crescimento fora do comum e os resultados obtidos até hoje.

Havia eu especificado que a posição de chefe escoteiro não seria nem de professor, nem de oficial comandante, mas antes de irmão mais velho, entre os rapazes. Não deveria se colocar de fora ou de cima, mas participar de suas atividades, compartilhando seu entusiasmo e assim, por conhecê-los individualmente, inspirar e sugerir novas diversões, tomando-lhes bem o pulso para saber quando uma atividade qualquer estivesse perdendo sua atração.

O termo chefe escoteiro não era nenhuma novidade. Era um velho título usado por Cromwell, que possuía chefes escoteiros em seu exército. Seu serviço de batedores funcionava sob o comando de um "Chefe Escoteiro Geral".

UNIFORME

O uniforme é uma grande atração para o menino e porque se assemelha ao traje dos mateiros, leva-o em imaginação a sentir-se ligado a esses heróis da fronteira, que tanto o fascinam.

O uniforme favorece também a fraternidade, uma vez que, adotado por todos, nivela os sinais exteriores das diferenças de classe e de origem.

O uniforme escoteiro, ainda, é simples e higiênico (o que hoje em dia está em moda) e se aproxima do traje de nossos ancestrais.

O SÍMBOLO ESCOTEIRO

Há muitos anos, logo depois do aparecimento dos escoteiros, alguns críticos acusaram o movimento de militarismo.

É inevitável que quando qualquer coisa nova aparece, algumas pessoas, antes mesmo de saber do que se trata, precipitam-se para achar ruim.

No nosso caso disseram que o Escotismo tinha a finalidade de levar os rapazes ao Exército e como prova, apresentavam o fato de que o brasão do movimento era "uma cabeça de lança, emblema da luta e derramamento de sangue."

Telegrafaram-me perguntando o que eu tinha a dizer sobre o caso. Respondi: "O brasão ostenta a flor-de-lis, um lírio, emblema da paz e da pureza".

Entretanto os escoteiros na verdade o adotaram por outras razões. Na Idade Média, Carlos, Rei de Nápoles, por causa de sua ascendência francesa, ostentava a flor-de-lis no seu brasão. Durante seu reinado Flávio Gioja, navegador, aperfeiçoou a bússola, transformando-a num instrumento prático e seguro. Na bússola vêem-se as iniciais dos pontos cardeais: Norte, Sul, Este e Oeste. Em italiano o Norte é "Tramontana". Assim ele colocou um T grande para marcar o Norte. Mas em homenagem ao Rei, fez um desenho combinando a flor-de-lis com o T. Desde então o Norte é representado universalmente por esse desenho, em mapas, roteiros e bússolas.

O significado atual que se pode dar à flor-de-lis é que ela aponta a direção certa (para o alto) não se desviando nem para a direita, nem para a esquerda, o que nos levaria a perder o rumo.

As estrelas nos dois lados do broche representam os dois olhos do lobinho que se abriram antes dele se transformar em escoteiro, quando ganhou seu distintivo de segunda estrela. As três pontas da flor-de-lis lembram ao escoteiro sua promessa, seu dever para com Deus, o Rei e serviço ao próximo.



O Escotismo não tem nada de comum com uma escola de soldados.

O LEMA

O lema do escoteiro é "Sempre Alerta". Era o lema da Polícia Civil da África do Sul e foi adaptado aos escoteiros, aliás o mesmo se dando com vários detalhes do uniforme. Os homens daquela Força haviam escolhido eles mesmos seu lema, em parte porque exprimia bem sua disposição de assumir qualquer encargo que se apresentasse e também porque as iniciais eram as mesmas do meu nome (Be Prepared).

A flor-de-lis passou a ser o distintivo dos escoteiros em quase todos os países do mundo.

Para distinguir uma nacionalidade da outra o emblema escoteiro nacional é superposto à flor-de-lis. Vê-se isso bem nos Estados Unidos, onde a águia e as armas nacionais figuram em primeiro plano no broche, servindo-lhe de fundo a flor-de-lis da fraternidade escoteira. Que assim permaneça por muito tempo!

O NÓ

Abaixo da flor-de-lis e do lema vê-se um pequeno cabo com um nó. Esse nó, como aquele que se costuma dar no lenço quando se quer lembrar alguma coisa, mantém presente ao escoteiro a necessidade de fazer alguma coisa por alguém naquele dia.

O BASTÃO ESCOTEIRO

Falando em mostrar o caminho, há outro meio que se usa em muitas das tropas e patrulhas escoteiras, o bastão.

É um objeto útil e mesmo indispensável para encontrar o caminho em terreno acidentado à noite.

Alguns bastões amarrados juntos podem se transformar numa útil ponte improvisada para se atravessar um rio, ou podem servir de posto de observação, de sinaleiro ou de mastro de bandeira.

Os bastões são também utilizados como barreiras para conter a multidão ou para fazer macas para transportar feridos ou a bagagem de seus donos.

DISTINTIVOS DE ESPECIALIDADES

Não são apenas os jovens que gostam de ostentar distintivos.

Sei de homens feitos que arriscariam e arriscaram mesmo suas vidas para receber uma condecoração.

Assim, embora possa ser considerado por algumas pessoas imoral aproveitar esse traço de vaidade, instituímos distintivos de especialidades que qualquer escoteiro pode ganhar se quiser se dar ao trabalho de se qualificar e passar a etapa necessária. Esses distintivos são concedidos a quem conseguir proficiência em carpintaria, natação, primeiros socorros, etc. etc. Existe mais de sessenta áreas entre as quais um jovem poderá encontrar aquelas que mais se ajustem a suas tendências.

Isso representa certo encorajamento para que adquira gosto por um passatempo útil e um rapaz que tem esses interesses em geral não desperdiça sua vida.

Além do mais, há apenas uma medida para julgar se um menino se qualificou para receber o distintivo: o grau de esforço que fez para passar. Isso encoraja diretamente o rapaz menos dotado ou atrasado, o rapaz que adquiriu um complexo de inferioridade pelos muitos fracassos que sofreu. Se for persistente, não importa que seja sem jeito, o examinador pode lhe conferir o distintivo e em geral isso leva o menino a fazer novos esforços até conseguir outros distintivos e se tornar normalmente capaz.

O distintivo mais importante é o distintivo Cornwell,* que um escoteiro recebe por ter demonstrado bravura. Foi instituído em memória do ex-escoteiro Jack Cornwell, V.C. que morreu a bordo do "Chester" na Batalha da Jutlandia, na 1.^a Grande Guerra.

O REI EDUARDO E OS ESCOTEIROS

Quando escrevi o meu livro "Escotismo para Rapazes" naturalmente julguei que os rapazes encontrariam nele tudo de que precisavam e que me restaria muito pouco a fazer. Mas passado pouco

* NT: No Brasil, medalha de valor, nos graus bronze, prata e ouro.

tempo, na Primavera de 1909, descobri que centenas de rapazes estavam formando Tropas Escoteiras completamente fora das diretrizes dadas no livro.

Foi em 1909 que o Rei Eduardo conversou comigo sobre o movimento. Embora estivesse muito no começo, Sua Majestade viu nele possibilidades latentes e esse fato me animou a prosseguir no trabalho, ainda que ele custasse (como custou) algumas economias, duramente conquistadas.

Resolvi que iria em frente e fui.

Mandei um convite a todos os escoteiros para que viessem se encontrar comigo num certo dia no Palácio de Cristal e isso resultou numa parada de mais de 11.000 escoteiros; a maior concentração de rapazes vista até aquela data — e o movimento não tinha ainda dois anos!

Isso representou uma bomba para mim. Vi que não podia continuar soldado e escoteiro ao mesmo tempo. Tinha que abandonar uma das atividades. . . mas qual?

Do ponto de vista de meu interesse pessoal, estava eu com mais de cinqüenta anos e havia atingido o posto de Tenente General, estando portanto bem encarreirado para um homem da minha idade; ao mesmo tempo sentia que seria uma pena deixar esse novo empreendimento se esfacelar e no momento não havia outra pessoa que pudesse se ocupar dele.

Como já disse, o rei interpelou-me a respeito e percebendo que ele estava bem a par da questão, deixei em suas mãos a decisão e ele chegou à conclusão de que a experiência escoteira era a mais importante.

Pedi assim demissão do Exército.

Sua Majestade continuou a demonstrar interesse por nosso projeto. No dia 5 de maio de 1910 fui convocado para comparecer ao Palácio de Buckingham entre três e quatro horas da tarde, pois o Rei queria conversar comigo sobre a realização de uma concentração escoteira em Windsor.

O Marquês de Soveral estava em conferência com o Rei quando cheguei e fiquei esperando numa ante-câmara. Quando Soveral saiu o Escudeiro veio me dizer que o Rei não estava passando bem, mas de

qualquer forma o que ele desejava me dizer era que devíamos projetar para junho a concentração escoteira no Grande Parque de Windsor.

Um pouco antes da minha visita aquela tarde, Lord Islington havia beijado a mão do Rei ao receber a nomeação para o posto de Governador da Nova Zelândia e Sir Thomas Robinson, o Agente Geral de Queensland, havia feito entrega ao Rei de um tinteiro de ouro oferecido pelo governo daquele Estado. Foi o último visitante oficial a ver o Rei, uma vez que eu só ouvi sua voz, através da porta aberta.

No dia seguinte o Rei, embora se sentisse bem mal, insistiu em se levantar e se vestir. Mandou chamar Sir Ernest Cassel com quem conversou.

O cavalo de Sua Majestade "Feiticeira do Ar" ganhou uma taça no Parque de Kempton aquele dia. O Rei recebeu alegremente a notícia por volta das 5 horas, mas à noite desmaiou e foi levado para a cama. Às 11:45 horas estava morto.

O apoio que me deu o Rei Eduardo foi imitado por Sua Alteza Real, o Duque de Connaught, que percebendo as possibilidades do movimento, mesmo naqueles dias iniciais, aceitou a presidência dos Escoteiros e sempre os prestigiou.

Desde então homens de posição como Lord Roberts, Lord Roseberg, Lorde Grey, Almirante Lord Charles Beresford e outros enviaram-me cartas de apoio e incentivo. Porém os mais preciosos conselhos e aplausos recebi de minha mãe. Educadora ela mesma, viu no Escotismo possibilidades mais extensas do que eu mesmo havia sonhado.

O Rei Jorge deu continuidade ao projeto de seu pai e passou em revista os escoteiros no Parque de Windsor. Desde então tem-me dado provas freqüentes de seu interesse profundo pelo movimento.



O São Jorge moderno.

Esses desenhos significam que o jovem cavaleiro moderno pode atacar o dragão do mal, com mais sucesso se estiver melhor preparado.



Será um São Jorge ou um Don Quichote?

DESENVOLVIMENTO DO ESCOTISMO

Foi essa a origem do escotismo. Sua história posterior e seu crescimento foram amplamente relatadas no livro de E.K. Wade, intitulado: "Vinte e um Anos de Escotismo".

A GUERRA

O movimento estava ainda jovem, só tinha seis anos, quando a guerra eclodiu. Mas já representava alguma coisa. Os rapazes haviam adquirido o espírito característico e estavam todos animados para servir o país. Homens e mulheres se apresentavam para tomar o lugar dos chefes que partiam para a frente, e onde não havia substitutos os próprios rapazes mais velhos assumiram o comando e continuaram a manter as Tropas.

PIONEIROS

Depois da guerra, em 1919, começamos a cuidar dos rapazes de mais de 17 anos, que chamamos de pioneiros. Esse ramo gradualmente foi se organizando sob a direção do Coronel Ulick de Burgh, parecendo corresponder a uma necessidade real. Escrevi portanto para ele um livro intitulado "Caminho para o Sucesso"* no qual dizia mais ou menos o que disse no início deste livro: "Parece-me sempre estranho que quando um homem morre, leve consigo todos os conhecimentos que adquiriu em vida, nas aventuras da juventude ou nos sucessos da idade madura. Deixa seus filhos e irmãos mais jovens sem rumo, tendo que aprender tudo de novo pela experiência própria.

Por que não há de transmitir o que sabe de forma que eles já comecem numa etapa mais alta de conhecimentos, eficiência e bom-senso?".

No livro, acautelo os jovens sobre as várias escolhas que encontrarão no caminho da vida e que se resumem em geral em apostas, bebidas, mulheres, hipocrisia e falta de religião.

* (NT: No Brasil editado pela Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil)

O livro descreve então a organização dos pioneiros, como sendo uma fraternidade para prestar alegremente serviços aos outros.

“O Caminho para o Sucesso” trouxe-me ampla recompensa, maior mesmo que “Escotismo para Rapazes”, uma vez que por causa dele grande número de jovens me escreveram diretamente pedindo conselhos.

Respondi a essas cartas de maneira confidencial e pessoal, empenhando-me ao máximo. Foi uma revelação para mim constatar a necessidade de conselhos que sentiam os adolescentes. Muitos deles disseram-me que não tinham coragem de falar com os pais ou com seus pastores, porém tendo lido o livro vinham a mim buscar compreensão.

Esses documentos humanos iam direto ao meu coração. Era surpreendente que me tratassem como confessor, embora sendo eu um completo estranho. Procurei aceitar e corresponder à essa confiança.

GILWELL

Em 1919 o Sr. M. de Bois Maclaren doou à nossa organização a propriedade conhecida como Gilwell Park, junto à floresta de Epping. Sua intenção era proporcionar um lugar de acampamentos perto de Londres para os rapazes de poucos recursos. Aceitou entretanto minha sugestão de fazer ali também um centro de treinamento para chefes, aproveitando as edificações existentes no local. Considerei essa medida importantíssima para o movimento.

O Capitão Frank Gidney foi nomeado Chefe de Campo responsável pelo campo-escola e não teria sido possível escolher melhor.

Em grande parte graças a esse Campo-Escola e seu currículo, nossos métodos tornaram-se melhor compreendidos e praticados não só no Reino Unido mas em todos os países do mundo, uma vez que muitas nações estrangeiras mandaram representantes treinar em Gilwell para levar de volta a seus países nossa organização e nosso sistema

ADMINISTRAÇÃO

Em 1920 a maior parte dos países civilizados haviam instituído o Escotismo, organizando-o geralmente em moldes semelhantes aos

nossos. Esse largo desenvolvimento tornou necessária a descentralização da administração.

A Direção do Escotismo através do Império Britânico foi dividida em departamentos que se ocupavam dos diversos setores a saber:

- Domínios de além-mar
- Países estrangeiros
- Equipamento
- Associações afins
- Lobinhos
- Adestramento de Chefes
- Publicações
- Finanças
- Pioneiros
- Escoteiros do Mar

Esses departamentos eram cada qual dirigidos por um chefe especialmente qualificado, trabalhando voluntariamente.

CRESCIMENTO INTERNACIONAL

Depois da guerra uma concentração de escoteiros de todos os países foi organizada em Londres para aproximar as nações através do Escotismo e celebrar a paz.

Foi algo maior do que estávamos habituados a ver, de forma que chamamos a reunião de "Jamboree". Perguntam-me muitas vezes: "Por que esse nome?" E minha resposta tem sido: "Qual outro, poderíamos escolher?"

A reunião foi em Olímpia e durou dez dias. Perto de 12.000 rapazes estiveram presentes, representando um número elevado de países.

A atividade popularizou-se além de nossas expectativas. Não havendo nós previsto esse afluxo de gente, não havia acomodações suficientes para o público e deixamos assim de ganhar dinheiro. Porém nossa fama aumentou muito.

No último dia, os representantes de todos os países se reuniram e me elegeram Chefe Escoteiro Mundial e esse fato foi comemorado

com um maravilhoso desfile de jovens em trajes típicos de suas nações, carregando suas bandeiras. Foi uma grande parada à qual duas imponentes senhoras vestidas de Britânia e Colúmbia emprestavam maior brilho. Meu lugar no desfile era logo depois delas.

No meio do desfile um garotinho se aproximou com uma cadeira. Perguntei-lhe para que era e ele muito naturalmente respondeu: "Para sentar". Sentei-me pois. Porém os mestres de cerimônia precipitaram-se de vários pontos e expulsaram o menino e sua cadeira, uma vez que estavam estragando o espetáculo. Tirei depois a limpo, que aquilo tinha sido uma idéia espontânea do rapaz, que fabricava, pelas suas próprias mãos, a cadeira para me dar e julgou ser aquela, uma boa ocasião de fazer sua oferta!

HONRARIAS

Certo dia, vinha eu de trem de minha casa no campo e comecei a abrir minha correspondência, que trouxera comigo. Nova Bomba! Havia uma carta marcada "Serviço de Sua Majestade" que se parecia muito com uma notificação do Imposto de Renda, de forma que deixei-a para abrir por último. Quando o fiz, verifiquei que o Rei havia-me conferido o título de "Sir."

O fato foi uma bomba porque totalmente inesperado e porque o Movimento Escoteiro longe de ser um árduo trabalho para mim, tinha sido sempre uma alegria e um divertimento.

Algumas pessoas gostam de corridas de cavalo, outras de golfe. Eu gosto de Escotismo. Nunca me ocorrera que receberia tal honraria apenas por me entregar ao meu passatempo favorito. Só me acostumei à idéia quando percebi que era intenção do Rei homenagear assim não só a minha pessoa, mas também o vasto exército de voluntários que dedicavam seu tempo, sua energia e em muitos casos seu dinheiro à formação de jovens, a fim de torná-los melhores cidadãos.

ÍNDIA

No mesmo ano recebemos um telegrama de Lord Chelmsford, Vice-Rei da Índia, convidando minha mulher, que era Chefe das

Guias e a mim para visitar aquele país e organizar ali o Movimento Escoteiro. Não esperamos segundo convite e fomos, tendo nossa excursão sido coroada de êxito e extremamente interessante.

Encontramos seis associações escoteiras trabalhando de modo primitivo, muitas delas impregnadas de influência política e todas concordando apenas em uma coisa: que eram diferentes uma das outras.

Visitamos a maioria das regiões do país e achamos os movimentos bem promissores. A dificuldade era reuni-las numa base comum.

Muitos dos chefes estavam equivocados quanto às finalidades do Movimento, porém, depois de conversarmos foram se convencendo.

A Sra. Annie Besant que chefiava um contingente de importância, concordou em se unir com o tronco principal e uma vez que, de modo geral, os hindus a respeitavam muito, não tinham dúvidas de que seu gesto serviria de exemplo para os demais grupos.

Assim foi combinada uma grande concentração de todos os grupos, durante a qual eu tomava a Promessa da Sra. Besant no centro de enorme círculo.

Com toda a força dramática de que fui capaz, concitei-a solenemente a repetir as palavras da Promessa que eu iria pronunciar. Nesse momento preciso distraí-me por um momento, pensando em outras coisas. Isso ocasionou um lapso de memória e não houve jeito de eu me lembrar das palavras da Promessa. Houve uma pausa gelada. Sentia-me como um perfeito idiota. Engoli em seco e tentei começar, mas as palavras haviam sumido. A Sra. Besant, entretanto, percebeu minha situação e com grande presença de espírito deu-me a deixa, como se fosse o ponto de um teatro com longos anos de práticas. Segredou-me as palavras, que eu ia repetindo em tom solene e bem alto, aparentando a maior segurança.

Graças à Promessa da Sra. Besant, os diversos grupos uniram-se para formar um só Movimento em toda a Índia e desde aquele dia tem prosperado apesar dos tempos anormalmente difíceis que aquele país atravessa.

Visitamos ainda a Birmânia e o Ceilão e na viagem de volta passamos pelo Egito e pela Palestina, inspecionando Grupos Escoteiros e de Guias desses dois países.

KANDERSTEG

Em 1923 nosso Secretariado Internacional tomou posse de um grande Chalé em Kandersteg, na Suíça, que foi transformado em hospedaria para escoteiros de todas as nações. Ali poderiam se alojar grupos pequenos ou grandes que desejassem excursionar e fazer alpinismo. A paisagem é magnífica e a localização bem central em relação à Europa. Desde então o Chalé vem atraindo sem cessar escoteiros de todos os países e em certas ocasiões anuais encontram-se ali rapazes de todo o mundo, imbuídos do mais amistoso espírito de camaradagem.

Mortimer Schiff, um dos líderes mais destacados do Movimento Escoteiro nos Estados Unidos, pouco antes de sua morte contribuiu para tornar o local ainda mais agradável, doando um terreno ao lado do Chalé, onde 2.000 rapazes poderiam acampar.

Tudo isso incentivou tremendamente o desenvolvimento do Escotismo Internacional.

ESCOTEIROS DO IMPÉRIO

Nesse mesmo ano minha mulher e eu fomos convidados a visitar o Conselho Nacional de Educação do Canadá. Visitamos nove centros, dirigindo a palavra a escoteiros e guias.

Em 1924 organizamos uma concentração de escoteiros em Wembely, por ocasião da Grande Exposição Imperial, onde 12.500 rapazes acamparam, vindos de todos os pontos do Império. Além dos escoteiros locais e de Londres, mais 28.000 rapazes compareceram, vindo de trem, de todo o Reino Unido.

Pode-se fazer idéia do número elevadíssimo de escoteiros presentes, sabendo-se que levaram duas horas e meia para entrar no recinto, marchando em filas de 4.

A reunião foi considerada bastante importante para assegurar o comparecimento do Arcebispo de York que dirigiu a palavra aos rapazes durante o serviço religioso especial de ação de graças, realizado no domingo. A importância da atividade foi ainda realçada quando o Príncipe de Gales, ao ser convidado para visitar o acampamento, declarou que não só aceitaria, mas que viria acampar também.

Depois de assistir à parada, jantou com os chefes na sua barraca e foi ao fogo de conselho a noite. Quando viu os escocêses dançarem o ril não pôde resistir e descendo de seu "trono" juntou-se a eles, dançando com grande entusiasmo.

De noite, depois de um dia cheio, dirigiu-se à sua barraca para gozar um merecido descanso. Mas teve ainda forças para me chamar e conversar comigo sobre a caça ao javali e outros esportes da Índia e de outros países.

Sua Alteza Real tinha, sem o saber, uma guarda de honra vigiando sua barraca. Depois que eu fui dormir, um desses jovens veio à minha barraca perguntar o que deveriam fazer. O Príncipe tinha saído para dar uma volta; a escolta deveria segui-lo? Resolveram fazê-lo, discretamente, e mais tarde relataram que o Príncipe tinha ido até a casa do fazendeiro, cujos campos ocupávamos e havia conversado cordialmente com ele antes de voltar para a cama.

Quando me levantei no dia seguinte encontrei o Príncipe já de pé e para horror meu, cercado de escoteiros, cada qual com sua câmara, tirando seu retrato.

Ele havia me dito que, depois do primeiro dia, não queria mais saber de fotógrafos. Vi logo porém que estava se referindo à imprensa, uma vez que com os rapazes estava inteiramente à vontade parecendo se divertir, fazendo poses e dando-lhes conselhos sobre ângulos e luz.

Dessa forma tornou-se querido desses rapazes, vindos de todos os cantos do Império. O toque pessoal nas relações humanas é sempre de grande valor e alcance.

ÁFRICA DO SUL

Em 1925 minha mulher e eu visitamos novamente os Estados Unidos para assistir à Conferência Mundial de Guias e Escoteiras que instituiu o Escritório Mundial.

No outono viajamos para a África do Sul, inspecionando escoteiros e guias. Levamos sete meses numa peregrinação interessantíssima, recordando, constatando o progresso alcançado e as possibilidades futuras.

A CRUZ DE SÃO MIGUEL E SÃO JORGE

Ao voltar ao lar em 1927 fui surpreendido por nova honraria. O Rei condecorou-me com a Grã Cruz de São Miguel e São Jorge.

Como já contei, por três vezes, creio eu, meu nome havia sido proposto para receber essa condecoração por serviços prestados no Aschanti, Suazilândia e Matabelândia respectivamente; e por três vezes havia sido recusado. É claro que isso me deu grande vontade de possuí-la, embora em geral não desse grande importância a condecorações (talvez por isso mesmo estava coberto delas!) Porém aquela eu ambicionava possuir. E de repente eis que recebo a Grã Cruz.

Escrevi ao secretário particular do Rei, que era meu amigo pessoal e disse-lhe que estava contentíssimo, dando-lhe sem rodeios as minhas razões. Parece que ele mostrou a minha carta ao Rei, o que não foi direito. De qualquer forma o Rei ficou sabendo que eu estava realmente contente.

O JAMBOREE

O ano de 1929 marcou o maior acontecimento de nossa história escoteira, desde o início do Movimento. Inauguramos um acampamento mundial para 50.000 escoteiros de todas as nações, no Parque de Arrowe, perto de Birkenhead (Lyverpool). Comemoramos assim, a maioria do movimento.

O verão de 1929 tinha sido excepcionalmente seco e ensolarado, até o dia da abertura do acampamento, quando a chuva começou a cair com violência, continuando por três dias.

Esse fato deveria ter significado o fracasso da comemoração, mas deu-se justamente o contrário. Os rapazes reagiram bem e pareciam se divertir com a lama e o desconforto. Certamente foi posta à prova sua habilidade da acampadores. Notava-se que haviam sido bem treinados, ao ar livre.

Ninguém adoeceu ou reclamou e firmes amizades foram iniciadas entre os milhares de rapazes ali reunidos.

O Duque de Connaught abriu o acampamento. O Príncipe de Gales esteve presente, representando o Rei. Homens de valor, ingleses e estrangeiros visitaram o campo.

Mais uma vez o Príncipe quis ficar na barraca com os rapazes, apesar da chuva, e de novo aumentou sua popularidade entre eles.

Sua Alteza Real atirou-me uma bomba das maiores, anunciando-me que o Rei resolvera elevar-me a "Par do Reino", como prova de sua satisfação com o Escotismo e suas finalidades.

A nova honraria me oprimiu bastante e durante algum tempo não pude me decidir a aceitá-la. Em vão argumentei que não havia sido eu o único responsável pelo Movimento, mas também os milhares de chefes que haviam trabalhado devotadamente por ele.

A essa bomba seguiu-se imediatamente outra, dessa vez atirada pelos próprios rapazes, na forma de um presente: um automóvel e um trailer, mais um retrato meu feito por Jagger e por último, mas não menos importante, um. . . par de suspensórios.

A razão desse último item foi a seguinte: a Dinamarca secretamente, havia iniciado a coleta de um valor fixo por escoteiro para comprar os presentes. Dirigiram-se à minha mulher e pediram-lhe que descobrisse, sem eu perceber, qual o presente que mais me agradaria.

Assim é que ela me perguntou certo dia o que eu gostaria de ganhar. Agradei-lhe delicadamente a idéia, dizendo-lhe entretanto sem rodeios que não precisava de nada.

"Pense bem" disse-me ela, "com certeza você precisa de alguma coisa."

Refleti um momento e observei: "Sim, meus suspensórios estão bem ruinzinhos e se quiser me dar uns novos ficarei contente".

Assim foi que ganhei os suspensórios e também um automóvel e "acessórios"!

Que beleza ganhar um presente de um milhão e meio de jovens de todo o mundo! E dado, como tinha razões para acreditar, com entusiasmo total e por dedicação a um ideal.

Essas coisas fazem uma pessoa se sentir humilde e sem saber bem como corresponder às vastas possibilidades de promover a paz e a boa vontade entre a geração jovem de todo o mundo.

Não há dúvida que há aqui uma grande oportunidade a ser aproveitada por alguém de visão e que tenha possibilidade de fazê-lo. Nós os escoteiros, em todo o caso, estamos procurando aproveitá-la.

Na parada final, ao terminar aquelas maravilhosas duas semanas, os rapazes de nacionalidades diferentes estavam congregados, forman-

do uma imensa roda — um grande círculo, com escoteiros irradiando-se do meio para fora, como os raios da roda.

Meu papel, no centro da roda, era o de enterrar um machado, o machado-símbolo da guerra e má vontade, e entregar então ao primeiro rapaz de cada raio, uma flecha de ouro a ser passada de mão em mão, até atingir o chefe de cada delegação, para ser levada por ele a seu país a fim de que a mensagem do Jamboree, atingisse todas as nações e fosse por elas realizada.

Dirigi-lhes umas poucas palavras nas quais os exortava a levar esse símbolo de paz e fraternidade pelo mundo afora, como embaixadores de amor e amizade.

Quando queremos atingir o sublime, o ridículo tende a aparecer. Dirigia-me ao círculo todo, mas é claro que o menino que me ficava diretamente em frente era o único cuja expressão eu podia observar. Durante minha fala ele conservou-se imperturbável, numa indiferença total às minhas “comovedoras” palavras. Decidi que não devia saber uma palavra de inglês. Descobri depois que era o único rapaz surdo-mudo dentre os 50.000 presentes. Azar meu!

AUSTRALIA

No ano seguinte minha mulher e eu visitamos os escoteiros e guias da Nova Zelândia e Austrália e no caminho de casa, novamente a África do Sul. Foi uma viagem das mais interessantes, ainda que cansativa. Valeu porém a pena.

A viagem durou uns sete meses e nem bem havíamos chegado de volta à Inglaterra já partíamos de novo, dessa vez para ir a uma Conferência Internacional em Viena e depois ao Rover Moot Mundial de 2.000 pioneiros no terreno ao lado de Kandersteg, na Suíça.

Essa última atividade, primeira do gênero, foi um nítido passo à frente na promoção da boa vontade internacional através do conhecimento mútuo e da camaradagem entre os jovens do mundo. Hoje (1933) temos 2.159.984* escoteiros ativos em 45 países diversos, sem contar os vários milhões que passaram pelo Escotismo em toda parte.

* Em 1986, mais de 16 milhões em 119 países Independentes (NT)

AS GUIAS

Se é verdade que o Movimento Escoteiro cresceu rapidamente por surpreendente que tenha sido sua adoção por países diversos, o Guidismo ultrapassou-o longe nesses dois pontos.

“Somos as escoteiras” disse-me, com ar de segurança, uma menininha espevitada de mais ou menos onze anos, na primeira concentração escoteira, no Palácio de Cristal, em 1909.

Era ela a porta-voz de um pequeno grupo de meninas, vestidas o mais semelhante possível, como seus irmãos escoteiros.

Sua presença na concentração e seu evidente entusiasmo abriram meus olhos, para o fato de que ali estava uma nova oportunidade de utilizar o Método Escoteiro, para auto-desenvolver o caráter.

Naquela ocasião, há mais de vinte anos, as mulheres começavam apenas a tomar seu devido lugar no mundo. Tinham realmente maior necessidade de desenvolver o caráter de que seus irmãos, uma vez que poucas oportunidades lhes haviam sido dadas até ali em suas vidas, comparativamente mais protegidas e isoladas.

Precisavam de caráter para enfrentar suas crescentes responsabilidades na vida social e no lar. Era necessário aumentar sua capacidade de educar bem seus filhos.

A educação escolar das meninas já havia melhorado, mas o desenvolvimento de seu caráter não recebera atenção alguma.

Não é possível desenvolver certas qualidades do caráter nas salas escolares. Pois é esse um trabalho individual, que exige seu próprio esforço.

Com os escoteiros pretendíamos desenvolver o caráter pelo esporte e atividades ao ar livre, às quais um código de cavalheiros era estreitamente ligado.

Há muito já se sabia que em geral as meninas e moças preferiam ler os livros de aventuras de seus irmãos, e que as estórias do faroeste agradavam-lhes mais do que as passadas em internatos de moças.

E por sua iniciativa, eis que surgem à minha frente, querendo compartilhar das aventuras de seus irmãos.

Agora, em 1933 esse fato seria normal, mas em 1909 constituía realmente uma inovação sensacional.

Não foi difícil, pois, contando com esse espírito e com toda a colaboração por parte das meninas, imaginar um programa baseado nos mesmos princípios do escoteiro, mas divergindo em certos detalhes que o tornavam mais apropriado à vida das meninas.

A Srta. Charlotte Mason, fundadora da Casa da Educação que se ocupava da formação de professoras, havia sido de certa forma uma precursora quando adotou em sua escola, como manual, o "Auxílio ao Escotismo" que eu havia escrito para soldados jovens. Encontrou no livro um elemento educacional, de forma que ao me encontrar com aquelas escoteiras, que afirmavam seu direito ao convívio, achei que poderia muito bem sugerir-lhes um movimento similar ao Escotismo. Escolhemos para elas o nome de guias.

Esse termo dava a idéia de romance e aventura e indicava ao mesmo tempo suas futuras responsabilidades como conselheira de seu marido e na educação correta dos filhos.

A finalidade do treinamento era semelhante a dos escoteiros: desenvolver o caráter, a saúde e o sentimento de serviço ao próximo, numa plena cidadania enquanto ia dando às meninas noções práticas para as atividades maternas.

Essa finalidade deveria ser atingida principalmente pela auto-educação através da recreação ao ar livre e o convívio com as companheiras. O treinamento seria assumido por uma chefe que não seria uma professora, nem uma disciplinadora mas antes uma irmã mais velha.

As escoteiras, como os escoteiros, foram organizadas em tropas que não deveriam exceder de 32 moças de forma a permitir o estudo dos temperamentos e a educação individual do caráter.

As meninas são agrupadas progressivamente de acordo com a idade e chamadas de fadas, escoteiras e guias.

Nos dois ou três primeiros anos não me foi possível fazer muita coisa pela organização das guias, uma vez que o crescimento espetacular do escotismo não me permitia outras atividades; mas nas mãos de uma comissão de senhoras enérgicas, as coisas começaram a tomar forma e passado pouco tempo o movimento tinha sua sede, seu uniforme, seu manual e seu estatuto, como toda associação que se respeite.

O uniforme era um item importante, não somente como atração para as meninas, que sem dúvida era, mas porque nivelava e fazia esquecer as diferenças sociais.

Um dos nossos princípios é a boa vontade para com todos de forma que não damos importância a diferenças de classe, nacionalidade ou credo. Todos são bem-vindos à nossa irmandade, bastando que aceitem nossa diretriz religiosa que se baseia simplesmente, como a maioria dos credos, no amor de Deus e no amor ao próximo. A forma em que se exprime isso pode ser deixada aos pais e aos pastores; não tem importância para nós, contanto que esses princípios sejam expressos.

Assim, começando da iniciativa de algumas meninas inglesas dispostas o "Guidismo" cresceu e prosperou rapidamente.

Hoje em dia o Guidismo já foi adotado em quase todos os domínios e territórios de além-mar. Muitos países estrangeiros instituíram-no com entusiasmo, de maneira que nossa família atualmente conta com 1.094.000 membros em 40 países diversos. Dessas meninas umas 885.000 são inglesas.

Olhando-se para o que foi conseguido em vinte e um anos, partindo-se do nada, pode-se até certo ponto visualizar as possibilidades do Movimento nos próximos vinte anos. Continuar sempre a crescer (cresceu de 147.990 membros de 1931), mandando para a corrente da vida, todos os anos, milhares de jovens treinados para servir a Deus e ao próximo, saudáveis de corpo e espírito, aptas ao convívio de seus semelhantes.

Assim se em nosso país as jovens continuarem a corresponder como parece, a esse método educacional, teremos um fermento considerável entre a população feminina; gente treinada para evitar o desperdício, para cuidar do lar e das crianças, ao mesmo tempo que desenvolve seu caráter e sua eficiência para enfrentar o mundo apoiada na amizade das irmãs de outros países.

x x

Pergunta-se muitas vezes: "Por que Deus enviou a Grande Guerra?"

É bem possível que tenha sido para nos fazer ver que nem a educação, nem a religião vêm cumprindo sua missão de elevar o homem até o alto lugar que lhe é destinado — que apesar da nossa propalada

civilização e apesar de quase 2.000 anos de cristianismo o que conseguimos foi apenas um pequeno verniz de civilização e que o cristianismo que professamos não é o que realmente praticamos em nossas vidas; que o interesse próprio e a desconfiança regem o mundo, em vez do amor e da boa-vontade.

A guerra mostrou-nos que as nações civilizadas em sua maioria, estão prontas a se engalfinhar com toda a força primitiva das selvagens.

A Liga das Nações está fazendo o que pode, pela consulta mútua e pela legislação, para instituir o reino da paz. Mas é o medo das consequências de outra guerra, o meio de que se lança mão, para atingir essa finalidade.

E no entanto a única base sólida sobre a qual construir a paz, é o espírito de amor e boa-vontade entre os povos, em vez de rivalidades e desconfianças. E isso só se conseguirá se educarmos a próxima geração dentro desse ponto de vista.

Essas palavras pareceriam um sonho utópico e digno de chacotas se a experiência que estamos fazendo com o Escotismo e o Guidismo não mostrasse que a possibilidade existe, ainda que em pequena escala por enquanto.

Se em vinte anos, com todas as dificuldades da implantação de um movimento e com o atraso provocado pela maior guerra da história, conseguimos atingir aproximadamente nove milhões de jovens, distribuídos por 42 nações diferentes, imbuindo-os de espírito de tolerância mútua e amizade, é claro que só precisamos da colaboração patriótica de homens patriotas e de mulheres também (há quantidades delas) em todos os países e assim expandir o Movimento, de forma que atinja maior proporção da mocidade do mundo.

Não digo que os dois segmentos do movimento escoteiro sozinhos possam conseguir isso, mas podem colaborar e muito.

Se as Igrejas e as escolas cumprirem sua missão é possível que tenhamos antes que se passe muito tempo uma melhor civilização e que demos um grande passo para estabelecer na Terra o Reino de Deus, que é feito de paz e de boa-vontade.



Acorda, minha pátria, e vem ajudar a tua juventude!

CAPÍTULO IV A GRANDE GUERRA

Preciso voltar agora a 1914 e contar-lhes alguma coisa sobre o trabalho de escoteiros e guias naqueles dias.

Quando a guerra foi declarada, procurei Lord Kitchener e disse-lhe que estava à disposição para servir em qualquer setor.

Entretanto ele exprimiu sua firme convicção de que as guias e escoteiras poderiam ser muito úteis na retaguarda, substituindo os homens que teriam de partir; e como os médicos não me deram como apto para o serviço ativo, insistiu para que eu organizasse os escoteiros que deveriam servir em setores diversos.

O momento, felizmente, era propício para uma aventura dessas. O Movimento Escoteiro tinha seis anos de existência e estava firmemente estabelecido com uma chefia descentralizada. Estendia-se por todo o império, contava com um forte contingente de rapazes e possuía chefes capazes. Por outro lado esses últimos e os rapazes mais velhos, em sua maioria, alistaram-se nas Forças Armadas assim que a guerra foi declarada (dez mil deles não voltaram dos campos de batalha).

Continuamos, porém, com os substitutos possíveis de se encontrar e esses, sentindo a responsabilidade que assumiam, saíram-se bem.

Graças a meu trabalho passado no serviço secreto, eu conhecia alguma coisa sobre os planos alemães. Meu primeiro cuidado, pois, foi fazer guardar por contingentes de escoteiros, todas as pontes, estradas de ferro, fios elétricos, cabos telegráficos e adutoras, a fim de frustrar qualquer tentativa por parte dos 100.000 alemães residentes na Inglaterra, de prejudicar nossas comunicações e serviços essenciais. É possível que se lembrem que eu havia descoberto que o inimigo pretendia nos invadir se possível num feriado bancário em que tudo fica paralisado e causar confusão cortando os fios de telégrafo e do telefone.

Os rapazes foram mobilizados imediatamente e começaram o serviço com o maior entusiasmo, nas localidades que habitavam, até serem rendidos, alguns dias depois, por contingentes das tropas de terra.

Os escoteiros do mar mobilizaram-se também quando o Almirante chamou os guarda-costas ao serviço ativo. Pediram-nos que os escoteiros do mar os substituíssem, o que foi feito dentro de poucas horas. Desde John O' Groats até o Cabo Finisterra, os escoteiros do mar sob o comando de alguns oficiais de marinha assumiram a guarda das costas.

Fomos muito elogiados pela mobilização rápida, mas houve realmente uma razão para isso. Há semanas vínhamos planejando uma grande concentração e uma regata até a ilha de Wight no feriado bancário de agosto. O dia chegou e os escoteiros estavam reunidos às centenas, organizados em unidades de seis, com seu equipamento de campo. Nesse momento chegou o chamado ao serviço.

Nossa mobilização foi quase tão rápida como aquela outra célebre, realizada por Sir Henry Rowsan, da esquadra do Oceano Índico, quando o Sultão de Zanzibar atacou de repente um encouraçado inglês, com sua "esquadra" (um único navio, que por sinal foi posto a pique). Dentro de quarenta e oito horas uma esquadra inteira estava reunida no local, chegando os navios de todas as direções. Uma vez que o fato se deu antes da descoberta do telégrafo sem fio, essa mobilização tão rápida causou muitos comentários, para não dizer alarme, entre as demais nações. O Almirante contou-me que foi muito solicitado para revelar seu segredo. Recusou-se a fazê-lo, porém mais tarde contou-me que alguns meses antes os navios espalhados pelo Oceano Índico haviam combinado se encontrar numa certa data em Zanzibar, para disputar um torneio de críquete. Foi azar do Sultão ter escolhido o mesmo dia para sua revolta.

Assim os escoteiros tomaram posição nos primeiros dias da guerra ao longo das costas este e sul e realizaram seus serviços de escuta e guarda, dia e noite, até bem depois do armistício, quando guarda-costas voltaram a reassumir seus serviços em terra.

Assim, apesar de nosso treinamento não ter nada de militar, procurando pelo contrário levar à paz, nosso lema "Sempre Alerta" encontrou escoteiros e guias a postos, e capazes de se adaptar sem perda de tempo às necessidades de sua Pátria. Fornecemos mensageiros, contínuos e ajudantes uniformizados ao Ministério da Guerra em Londres; e nos condados, a hospitais, postos de polícia e prefeituras.

Organizamos também clubes para recreação na frente de batalha em França, bem como guarnecemos e operamos ali várias ambulâncias.

Tudo isso foi feito com espírito de leal entusiasmo, que não foi apenas o entusiasmo de um momento, mas uma força constante que nos levou a manter um alto padrão de trabalho até o final daquele terrível e exaustivo período da duração da Grande Guerra.

CAPÍTULO V OLHANDO PARA TRÁS



Quando se passou o septuagésimo quinto marco da estrada e se chegou aquele período da vida em que se pensa duas vezes antes de se decidir se vale a pena mandar fazer uma casaca nova, podemos nos permitir o luxo de um olhar sobre a estrada que percorremos.

Nossa tendência natural é de fazer sermões e avisar os outros viajantes dos perigos do caminho. Mas será que não seria melhor mostrar-lhes alguns dos prazeres e alegrias que do contrário poderiam lhes escapar?

Eu passei o 75.º marco quilométrico.

Olhando para trás o fato que ressalta é a velocidade com que vemos. Como é curto nosso tempo de vida. O aviso que gostaríamos de dar portanto é de não desperdiçá-lo em coisas no final de contas sem importância; nem tão pouco, por outro lado, é bom levar tudo a sério como alguns parecem fazer. É bastante que a vida que temos entre nossas mãos seja feliz. E é assim que o êxito na vida está ao alcance de todos.

São vários os conceitos sobre o êxito: por exemplo: dinheiro, posição, poder, realizações, honrarias e assim por diante. Mas essas coisas não estão ao alcance de todos, nem trazem obrigatoriamente aquilo que constitui o êxito verdadeiro: a felicidade.

A felicidade está ao alcance de todos, uma vez que, no final de contas, não é outra coisa além do contentamento com o que se tem, e da disposição de fazer o que for possível pelos outros.

Sir Henry Newbolt resume assim essa idéia: "O teste verdadeiro do êxito é saber se a vida de uma pessoa foi feliz e se deu com alegria aos outros a felicidade."

EGOÍSMO

Parece-me que os adoradores do diabo, no Oriente, acreditam que o diabo governa o mundo por 6.000 anos e que Cristo o faz por tempo igual. No momento o diabo está reinando e ele pode ser melhor descrito pela palavra egoísmo, ou pela falta de uma visão ampla e compreensiva.

É possível observar isso hoje em dia nos indivíduos, nas classes, nas seitas e nas nações.

Individualmente estamos cansados de nossa rotina, seja ela o Exército, o clube, o esporte ou qualquer outra atividade.

Só enxergamos a classe social a que pertencemos.

A educação escolar não enxerga mais longe do que a instrução.

A religião não enxerga mais longe do que os membros de uma igreja.

O nacionalismo não enxerga mais longe do que a auto-determinação do país.

O cristianismo ou o amor e grandeza de espírito não prevalecem mais, nesse mundo.

Pelo Movimento Escoteiro estamos procurando derrotar o egoísmo, inculcando nos jovens uma visão mais ampla, e um ideal de boa vontade mútua e serviço.

Não pretendemos dizer que o Escotismo resolve tudo, porém uma vez que grassou com rapidez tão extraordinária, formando extensa fraternidade em países tão diversos, sem reconhecer diferenças de classe, credo ou raça, pode-se esperar que seja pelo menos um passo na direção almejada.

ALGUNS CONSELHOS

Olhando para trás, vejo que esbarrei pela vida afora com doses estupendas de sorte. Tive, por exemplo, a sorte de viver num período interessante de evolução na história do mundo, com o desenvolvimento rápido dos automóveis, aeroplanos, telegrafia sem fio, pude presenciar a Grande Guerra, as convulsões mundiais ou conhecer a obra de "Tut-Ank-Ammon.

Por outro lado, também, encontrei por toda parte muita bondade para com minha pessoa, não só por parte de meus amigos, mas também, por parte de estranhos. Tive a sorte de viver duas vidas distintas, uma de soldado e solteiro e a outra de pacifista e pai de família, ambas tendo em comum o Escotismo e ambas intensamente felizes.

Nunca fui senhor de nenhum ofício, mas fui aprendiz de muitos e assim gozei de uma enorme variedade de boas coisas que o mundo tem a oferecer.

Já pensou que a vida de um homem de setenta anos é feita de 291.000 horas em que se mantém acordado?

As pessoas na sua grande maioria dormem oito horas, quando sete seriam suficientes.

Isso não quer dizer que não tenha tido que enfrentar dificuldades e vicissitudes, mas foram apenas o sal que deu sabor ao banquete.

Um sorriso e um bastão, descobri, fazem-nos vencer qualquer obstáculo e em noventa e nove dos casos em cem, é o sorriso que vale.

Quando da próxima vez que sentir-se aborrecido ou zangado, force-se a levantar o canto da boca e sorrir e verificará o valor dessa mudança.

"Devagar, devagarinho, é que se pega o macaquinho" é a versão oeste-africana de um preceito valioso. Muitos homens falharam por falta de paciência e perseverança.



Segurar firme
a despeito das dificuldades.

Um homem que dorme sete horas ganha assim mais de três anos de vida.

É uma boa coisa, em imaginação, dar a si mesmo mais três anos de vida. Sente-se então que se precisa ainda fazer naquele espaço de tempo muitas coisas úteis. Realizar um grande sonho, ou gozar um pouco mais de felicidade, não importa o que seja. O tempo não foi feito para ser desperdiçado.

Os jovens naturalmente, não querem receber orientação de um velho ultrapassado. Só o que sei é que no meu caso lucrei muito estudando o caráter de meus chefes no Exército.

Lord Wolseley, por exemplo, dizia: "Mais vale o bom senso, do que os conhecimentos teóricos"

Sir Baker Russell entregava as responsabilidades e confiava em seus oficiais. Dotado de intuições rápidas, tomava resoluções rápidas, certas ou erradas e levava-as a cabo com garra; enquanto Sir Henry Smith, que era exatamente o oposto, estudava, meticulosamente, as questões para escolher o melhor caminho, até mesmo a palavra que mais convinha empregar. Assim, quase nunca errava.

Cecil Rhodes, por outro lado tinha visão ampla, mas falhava às vezes nos pormenores.

Lord Roberts usava aquela alavanca poderosa, o toque humano e Lord Plumer jogava sempre para o seu time, sem levar em conta as considerações pessoais.

Sir Bindon Blood, com toda a sua experiência, estava sempre pronto a aprender.

Sir Frederick Carrington soltava grandes e contagiantes gargalhadas que acabavam com qualquer dificuldade que surgisse.

Esse estudo de caráter muito me ajudou e ajudará também aqueles que cultivarem esse hábito.

Sempre insisti com meus jovens amigos para que quando tivessem que enfrentar um adversário, jogassem uma espécie de polo com ele; não corram para ele diretamente, dizia-lhes, mas cavalguem a seu lado e aos poucos o empurrem para onde quiserem. Nunca percam a paciência com ele.

Se a razão estiver de seu lado não é preciso se irritar. E se não estiver, não é vantajoso perder a cabeça.

Numa situação difícil é um guia seguro perguntar-se: "O que faria Cristo nessa situação?" Depois faça o melhor que puder.

Possivelmente a melhor receita para viver me foi dada pelo meu velho mestre, Dr. Haig Brown em 1909, quando escreveu a sua:

RECEITA PARA ATINGIR A VELHICE

Alimentação moderada e parca.

Estar livre das sórdidas preocupações de ganho.

Muito trabalho e pouco lazer.

Amar mais o dever que o prazer.

Espírito equilibrado e satisfeito.

Amigo de toda a humanidade.

Fé e respeito a Deus.

à luz forte dos dias comuns.

Um lar tranqüilo, uma esposa carinhosa.

Filhos que são a coroa da vida.

São coisas que esticam os dias da vida.

Além da medida estreita do salmista.

Olhando para trás, dois pontos brilhantes ressaltam em minha "medida estreita". São:

Na vida n.º 1, os rudes tempos entre meus companheiros no "veldt" ensolarado, na campanha da Matabelelândia; e na vida n.º 2, uma mão pequenina puxando-me para baixo, até que dois bracinhos possam se unir em volta de meu pescoço e com um beijo doce e úmido uma vizinha me segreda: "Só mais uma estória para eu dormir, papai."

VESPERASCIT

Escrevo sentado no meu jardim ao findar de um dia perfeito de setembro, com o clarão vermelho do poente emprestando tons novos às luzes e sombras das florestas lá em baixo, enquanto uma névoa cor de violeta envolve as montanhas distantes, que tantas vezes percorri.

Há no ar um perfume de rosas — e de madresilva. Uma gralha sonolenta numa árvore próxima responde de vez em quando ao arrulho distante de um pombo. Uma abelha passa zumbindo em direção à sua colméia. Tudo é paz em minha casa, no crepúsculo, antes que a noite desça.

Ela está sentada a meu lado, em silêncio amigo, aquela que compartilhou o trabalho da tarde e as suas alegrias. É bom não fazer nada, deixar-se ficar assim, honestamente cansado e olhando para trás, sentir que embora o dia tenha acabado, conseguimos, dentro de nossas limitações, aproveitá-lo bem, gozando dele plenamente.

Sentimos então que fomos ricos, por termos tido poucas ambições e menores insatisfações.

Da janela de cima vêm as vozes alegres das crianças que se preparam para dormir.

Amanhã será seu dia.

Que seja tão feliz quanto foi o meu, Deus as abençoe!

Quanto a mim, cedo chegará minha hora de dormir. E assim

BOA NOITE!

“Sono depois do trabalho, porto depois da tormenta

Paz depois da guerra, morte depois da vida

São coisas que agradam”. (1)

(1) “Sleep after toyle, port after stormie seas, ease after warre, death after life, doth greatly please”



companhia rio-grandense de artes gráficas

corag